



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
FACULDADE DE DANÇA

JENNIFER PATRÍCIA MOURA DA SILVA

GRADES DA PELE:

UM PROCESSO DE CRIAÇÃO EM DANÇA A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS FAMILIARES EM SITUAÇÃO DE CÁRCERE

BELÉM-PA

2021

JENNIFER PATRÍCIA MOURA DA SILVA

GRADES DA PELE:

UM PROCESSO DE CRIAÇÃO EM DANÇA A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS FAMILIARES EM SITUAÇÃO DE CÁRCERE

Memorial de pesquisa apresentada a Faculdade de Dança da Universidade Federal do Pará, para obtenção do Título de Licenciada em Dança.

Orientador: Prof.^a Me.^a Juanielson Alves Silva

BELÉM-PA

2021

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Biblioteca Universitária da ETDUFPA-Belém-PA**

S586g SILVA, Jennifer Patrícia Moura da
 Grades da pele: um processo de criação em dança a partir de
 experiências familiares em situação de cárcere / Jennifer Patrícia
 Moura da Silva.

 Orientadora Prof. Me. Juanielson Alves Silva.

 Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Pará, Instituto
 de Ciências da Arte, Faculdade de Dança, Curso de Licenciatura em
 Dança, Belém, 2021.

 1. Dança -- Processo criativo. 2. Coreografia (Dança). 3. Dança –
 Aspectos sociológicos. 4. Prisioneiros. 5. Folclore da ave -- Belém (PA).
 I. Título.

CDD - 23. ed. 792.82

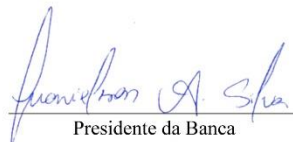
Elaborado por Rosemarie de Almeida Costa – CRB-2/726



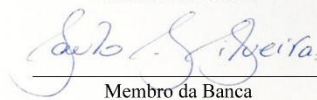
SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
FACULDADE DE DANÇA

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos **12 (doze)** dias do mês de **fevereiro** do ano de **dois mil e vinte e um (2021)**, às **nove horas e trinta minutos (9:30)**, na sala virtual: **hrx-owie-iff (2021-02-12 at 04_50 GMT-8) (1).mp4**, sob a responsabilidade do **Prof. M.e Juanielson Alves Silva**, reuniu-se a Banca Examinadora constituída pelos docentes: **Prof. M.e Juanielson Alves Silva** (Orientador e Presidente da Seção); **Prof. Dr. Saulo Silva da Silveira** (Membro) e **Profª M.ª Caroline de Cássia Sousa Castelo** (Membro), para proceder à avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: **Grades da pele: um processo de criação em dança a partir de experiências familiares em situação de cárcere**, de autoria da aluna: **Jennifer Patrícia Moura da Silva**, matrícula: **201506040024**, da turma: **2015, do Curso de Licenciatura em Dança Belém**. Iniciado os trabalhos, o Presidente da Seção apresentou as normas de Defesa do Trabalho de Conclusão de Curso e em seguida convidou a aluna para fazer a apresentação do trabalho. Após a exposição oral, a discente foi arguida pelos membros da banca, que atribuíram conceito **EXCELENTE** ao seu Trabalho de Conclusão de Curso, tendo sido assim aprovado, conforme normas regulamentares. a aluna terá o prazo de **trinta dias** para fazer os ajustes recomendados pela banca. Nada mais havendo a tratar, eu **Prof. M.e Juanielson Alves Silva**, presidente da banca, lavrei a presente Ata que segue assinada por mim, pelos demais membros da banca examinadora do trabalho avaliado e pela aluna.


Presidente da Banca


Membro da Banca


Membro da Banca


Aluna

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial deste memorial por processos fotocopiadores ou eletrônicos, desde que mantida a referência autoral. As imagens contidas neste trabalho, por serem pertencentes a acervo privado, só poderão ser reproduzidas com expressa autorização dos detentores do direito de reprodução.

Assinatura: 

JENNIFER PATRÍCIA MOURA DA SILVA

Local e Data: Belém do Pará, 19 de fevereiro de 2021.

Dedicatórias

Dedico este memorial primeiramente a Deus que me sustentou em todos os momentos e não me deixou desistir mesmo quando eu esmoreci.

A meus pais, Ana Nery e José Guilherme, meus maiores e melhores orientadores na vida, minha base e meus melhores incentivadores, orgulho na vida e por quem sempre lutei pra ser melhor, e que estiveram como alicerce desde sempre em nossa família e neste processo.

Meus irmãos, Aline, Thiago e Leonardo Silva, por todas as palavras e investimentos feitos ao longo dessa trajetória acadêmica.

Em especial a meu Irmão, Luís Silva, que foi a minha fonte e força de inspiração a escrever esta poética, a toda força e incentivo que sempre me deu, mesmo em qualquer circunstância.

A meus sobrinhos Iago, Heitor e Kimberly Silva onde minha família extraiu forças para não desistir em nenhum momento.

Agradecimentos

A Deus, pela minha vida, por me ajudar a atravessar todos os obstáculos e barreiras encontradas ao longo do curso e deste processo, por me manter firme e ser a minha base.

A meus pais e irmãos que me incentivaram nos momentos difíceis e estão comigo desde sempre, me auxiliando enquanto eu me dedicava à realização desse trabalho.

Aos professores, pelo incentivo, correções e ensinamentos que me permitiram apresentar um melhor desempenho no meu processo de formação profissional.

Aos amigos e familiares que se dispuseram a me ajudar e me incentivaram de forma sentimental e financeira.

A todas as pessoas que lutam por seus familiares em frente aos presídios vocês me ensinaram sobre a vida, e influenciaram diretamente na minha pesquisa.

Em memória de meus avós José Maria e Luís Augusto que não se encontram, mas neste plano mais que sempre tiveram orgulho e me mostraram o quanto valia a pena os meus sonhos.

A meu namorado Jorge Luiz que esteve presente em todas as minhas apresentações e me incentivou a concluir esta escrita, me apoiando nos momentos, mas delicados e difíceis desta trajetória.

A minha professora e primeira orientadora Caroline castelo que se emocionou junto comigo e me incentivou a concluir, acreditando sempre na potência de minha arte e dança.

A meu professor e orientador Juanielson Silva por ter me inspirado, incentivado, me provocado a chegar a esse lugar de escrita e dança, por ter sido amigo, a me fazer entender que a periferia, o preto, o favelado, tem voz, a minha eterna gratidão a todo o conhecimento que em nenhum momento excitou em compartilhar, a todo o carinho e amor que como profissional e pessoa me repassou e me fez querer seguir seus passos brilhantes. Minha eterna gratidão.

A meus amigos, Thais Malato que sempre acreditou em mim, sem nunca me abandonar dentro e fora da universidade, Jean Gama que sonhou junto comigo este processo.

A Fabiana Alves, Rosane Melo, Junior Lima que estão e são parte de minha família, incansáveis em todos os meus momentos, principalmente os mais difíceis.

A Alice Amarante, Ti mercês que foram incansáveis e completamente fundamentais neste processo, minha eterna gratidão.

A Rosângela Colares minha fonte de inspiração como pessoa e profissional.

Minha eterna gratidão a todas as pessoas que sonharam e realizaram este sonho, mesmo os que não sabem ou não podem mais ouvir e nem ler estas palavras, sem vocês eu não teria conseguir trilhar esse caminho e chegar aonde cheguei e ainda irei chegar, todos estarão presentes para sempre em minhas palavras e meu coração.

“O tempo ruim vai passar é só uma fase e o sofrimento alimenta mais a sua coragem.”

Racionais MC's

RESUMO

Este é um memorial de obra coreográfica que trata de minha experiência enquanto familiar de um detento, mediante as dificuldades de estar experienciando o cárcere e como a dança auxilia neste processo. Apresenta desta forma, um processo sobre o cuidado de si por meio da dança, assim como, relata como estas experiências vividas se tornaram propulsoras de uma poética cênica. Nomeei a abordagem metodológica criada para esta pesquisa-criação como coreovisita, nela além das visitas ao espaço físico do cárcere, realizo relatos de experiências, um processo de composição coreográfica e um estudo bibliográfico acerca do contexto do cárcere por meio de autores como Michel Foucault (2012), Fábio Godoi e Rafael Mallart (2017); sobre Processo criativo em dança e política por meio de autores como André Lepecki (2012), Helena Katz e Christine Greiner (2012) que traçam suas experiências teóricas por meio da dança em relações com o mundo, sem uma espécie de regra ou predefinições; e ainda a compreensão de conversão semiótica de João de Jesus Paes Loureiro (2007) para pensar como criar dança por meio de uma experiência cotidiana. Como resultante, posso dizer que todo este processo se baseia na continuidade de movimentos, gestos e ressignificação de vivências e experiências e, por conseguinte, ele contribui para um cuidado de si em uma experiência de vida difícil e, além disso, percebo que, assim como os processos de vida, os processos em dança seguem em estado de inacabamento.

Palavras-chaves: Cárcere, família, processo de criação, dança,

ABSTRACT

This is a memorial of a choreographic work that deals with my experience as a relative of a detainee, due to the difficulties of experiencing prison and how dance helps in this process. In this way, it presents a process about self-care through dance, as well as, reports how these lived experiences became propellers of a scenic poetics. I named the methodological approach created for this research-creation as choreovisite, in addition to visits to the physical space of the prison, I carry out reports of experiences, a process of choreographic composition and a bibliographic study about the context of the prison through authors such as Michel Foucault (2012), Fábio Godoi and Rafael Mallart (2017); on Creative process in dance and politics through authors such as André Lepecki (2012), Helena Katz and Christine Greiner (2012) who outline their theoretical experiences through dance in relationships with the world, without a kind of rule or prescriptions; and João de Jesus Paes Loureiro's (2007) understanding of semiotic conversion to think about how to create dance through a daily experience. As a result, I can say that this whole process is based on the continuity of movements, gestures and reframing of experiences and, therefore, it contributes to self-care in a difficult life experience and, in addition, I realize that, like life processes, dance processes remain in an unfinished state

KEYWORDS: Jail, family, creation process, dance.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01	Pintura em camisa branca que retrata as minhas impressões sobre a frente da seccional e a numeração primária da cela de meu irmão.	Pág. 12
Figura 02	Fotografia do espaço verde que fica à frente da seccional urbana da cidade nova, cultivada por moradores das proximidades, responsáveis também pela manutenção e limpeza do local. Fonte: acervo pessoal.	pág. 29
Figura 03	Fotografia de uma mesa improvisada funciona como banca de vendas, água e café da manhã. Fonte: acervo pessoal.	pág. 30
Figura 04	Fotografia de um tronco de uma árvore cortado ao meio, serve como banco, para as pessoas que ficam a espera, de entrar ou	pág. 31
Figura 05	Fotografia de sacolas com matérias de higiene e comidas que servem para marca o local na fila, retirada durante a visitação. Acervo pessoal	pág. 32
Figura 06	Fotografia do Pátio da seccional. Fonte: acervo pessoal	pag. 33
Figura 07	Desenho sobre a relação irmã e irmão em situação de cárcere. Fonte: Juanielson A. Silva	pag. 40
Figura 08	Fotografia de Caixa de concreto que cobre as tubulações e que na poética são comparadas as pedras que os detentos dormem. Fonte: Acervo pessoal.	pag. 42
Figura 09	Fotografia de experimentações corporais, retirada em dia de ensaio. Acervo pessoal Fonte: Acervo pessoal.	pág. 43
Figura 10	Fotografia de experimentações corporais, retirada em dia de ensaio. Acervo pessoal	pág. 45
Figura 11	Fotografia de experimentações corporais, retirada em dia de ensaio. Acervo pessoal	pág. 46
Figura 12	Fotografia de experimentações corporais, retirada em dia de ensaio. Acervo pessoal	pág. 46
Figura 13	Fotografia de experimentações corporais, retirada em dia de ensaio. Acervo pessoal	pág. 47
Figura 14	Fotografia de experimentações corporais, retirada em dia de ensaio. Acervo pessoal	pág. 47
Figura 15	Fotografia de experimentações corporais, retirada em dia de ensaio. Acervo pessoal	pág. 47
Figura 16	Fotografia de experimentações corporais, retirada em dia de ensaio. Acervo pessoal	pág. 48

PLANO DE COMPOSIÇÃO

TRAJETÓRIA ARTÍSTICA-ACADÊMICA DA PESQUISADORA	13
3º PORTÃO – A SECCIONAL (INTRODUÇÃO)	15
2º PORTÃO – O CADEIÃO (DESENVOLVIMENTO).....	20
BLOCO A – REGIME FECHADO: O CÁRCERE E SUAS QUESTÕES SOCIOPOLÍTICAS.....	21
Vigilância e punição.....	21
O meu encontro com o cárcere	25
BLOCO B – REGIME SEMI-ABERTO: AS COREOVISITAS.....	27
A invenção do caminho das visitas	35
BLOCO C – REGIME ABERTO: A COMPOSIÇÃO COREOGRÁFICA.....	38
OS INDUTOS – experimentação, lugar e rachadura	44
A REBLOCAGEM – Conversão semiótica, fazer político e dança.....	49
1º PORTÃO: CANTOU A LIBERDADE (CONSIDERAÇÕES INACABADAS)	56



Figura 1- Pintura em camisa branca que retrata as minhas impressões sobre a frente da seccional e a numeração primária da cela de meu irmão.

TRAJETÓRIA ARTÍSTICA-ACADÊMICA DA PESQUISADORA

Como graduanda do curso de licenciatura plena em dança escrevo esse memorial com objetivo de trabalho de conclusão de curso pela Universidade Federal do Pará, apresentando minhas experiências sobre o processo e minha trajetória artística e acadêmica, ao longo desses quatro anos. Enfatizando minhas experiências autorais e em conjunto com membros de salas, projetos de extensão, projetos sociais e companhia de dança em que fiz parte. Para melhor compreensão divido este memorial em produções artísticas e produções acadêmicas.

a) Experiências artísticas externas a universidade

Tive meu primeiro contato com a dança aos 9 anos de idade no âmbito familiar, aos 12 anos fiz parte de meu primeiro grupo de dança em um projeto social da igreja São José Operário, sempre participei de projetos sociais que disponibilizavam a dança gratuitamente, onde pude ter contato com o balé clássico, dança de salão e dança folclórica/ quadrilha junina, no qual tive algumas apresentações na própria comunidade para nossas famílias, membros de outras comunidades e outras pessoas, foi a partir desse contato que surgiu meu interesse em ensinar dança em projetos sociais.

No entanto pude ter meu primeiro contato com os palcos em 2016 onde fiz parte da escola e estúdio de dança 2K Dance Studio, e fiz parte da amostra de dança deste Studio no Teatro Waldemar Henrique, com uma apresentação de Dança de salão. Participação na programação cultural do Círio “Belém, cidade luz da Amazônia” que ocorreu na Praça Batista Campos, com apresentação de hip hop swag (2017); Espetáculo de dança Circus (2017) no Parque Shopping Belém, com apresentação em Dança contemporânea, ambas pelo Studio 2K Dance. Todas essas experiências que o estúdio me proporcionou em palco foram fundamentais para aprender sobre montagens de espetáculo, preparação física, psicológica e principalmente saber lidar com as emoções frente a um público, bem maior que os de costume, adicionando também a experiência em quanto professora, pois a monitoria também fazia parte de minha rotina enquanto bolsista do estúdio. Com estes acréscimos vivenciados ao longo desses

anos iniciei no Projeto Escola da vida, como estagiária docente na área da dança e atuante como professora desde 2017, no qual trabalhei com meninas de 5 a 12 anos, desenvolvendo um trabalho de reconhecimento corporal e também de dança contemporânea.

b) Experiências artísticas (e pedagógicas) na universidade

Participação no projeto de pesquisa “Escola, Dança e Educação” nos anos de 2015, 2016 e 2017, coordenada pela professora. Ma. Luiza Monteiro e Sousa. O projeto entrava nas linhas escolares e tinha como principal objetivo mostrar de que forma nós, enquanto graduandos e futuros docentes devíamos pensar e agir em ambientes escolares ou locais de ensino a dança. Buscando, desta forma, possibilidades e modos de repensar esse ambiente, nos preparando para entender que tipo de ambiente iríamos encontrar e como poderíamos contornar e fazer com que os alunos tivessem interesse no contexto e na prática da dança.

E desta maneira, a nós, docentes, o projeto Escola Dança e Educação, tornou-se uma forma de criar métodos e planos de aulas que pudessem se adaptar a lugares que não oferecem a estrutura adequada para a prática em dança. Neste projeto criávamos planos de aulas para crianças e adolescentes de escolas públicas e fazíamos alguns laboratórios de experimentação entre nós mesmos, de maneira que, este aperfeiçoou minhas práticas de como lidar com as dinâmicas de sala de aula, respeitando o espaço, a capacidade e o tempo de cada indivíduo e desenvolvendo planos de aulas que pudessem contar com objetos e cenas cotidianas facilitando a inserção da dança naquele local.

Além do projeto Escola, Dança e Educação, disciplinas como Manifestações espetaculares II, ministradas pela professora Maria Ana Azevedo, no qual criamos o espetáculo Operação Prato, Laboratório de interpretação cênica, ministrada pelo professor Paulo Santana, composição coreográfica e Prática de montagem, ministradas pela professora Luiza Monteiro, na qual criamos o espetáculo de Luas, contribuíram diretamente para a construção desta pesquisa e para minha formação enquanto artista-professora-pesquisadora da dança, ao possibilitar em seus desenvolvimentos trabalhar minhas emoções, aceitar quem sou e os sentimentos que antes pareciam infindáveis e incuráveis transformando-os em indutores para e na cena, aprofundando minhas experiências criativa em dança.

3º PORTÃO – A SECCIONAL (INTRODUÇÃO)

O desejo de trabalhar Dança e cárcere se encontrava presente desde o início desta graduação, pelo fato de estar dentro de uma realidade cotidiana no meu bairro, Icui-Guajará, localizado no Município de Ananindeua, periferia de Belém. Um bairro precário de saneamento básico e infraestrutura, considerado pelas autoridades como área vermelha, ou seja, grande incidência de assaltos, tráfico de drogas e pessoas com registros em casas de reclusão penal assim como muitos bairros periféricos da cidade.

Resido neste local há mais ou menos 23 anos e desde a infância tinha amigos e amigas que se encontravam nessa realidade de marginalidade e criminalidade, e muitos foram mortos por conta de reincidência ou permanência no crime. E pelo fato de ser mulher e ter visto de perto essa realidade social, a trajetória de elaboração de um projeto de Trabalho de Conclusão de Curso apontava, a princípio, para o Centro de Reeducação Feminina (CRF), um centro de reclusão que trabalha com mulheres e promove atividades voltadas para as artes, ensino do EJA (Educação para Jovens e Adultos), e outras atividades que promovam a facilitação da reiteração social.

O interesse pelo feminino em situação de cárcere como potência para uma pesquisa em Dança aconteceu pelo fato dessas figuras dessas mulheres, remeterem minhas amigas da época de colégio e que infelizmente ou foram mortas, ou estão em situação de cárcere também, por envolvimento com o crime. Não pude fazer quase nada por essas amigas, mas busquei algo que pudesse fazer pelas reclusas que ainda estavam em condições de reclusão e principalmente vivas.

No entanto, no dia 25 de agosto de 2018, na noite de sexta feira, uma ligação recebida por minha mãe mudou todo o rumo desta pesquisa. Era uma ligação da polícia Civil do Pará, na chamada, tivemos a notícia de que meu irmão havia sido conduzido à delegacia urbana de Ananindeua, até então, e solicitavam a apresentação dos documentos de identificação, de início achei que se tratava de uma abordagem policial que teriam o conduzido por ele estar sem os documentos. Aliás, algumas horas antes ele informou a minha mãe que estava na frente da casa onde residia juntamente com a minha irmã, como era recorrente a abordagem dos policiais, então fomos sem tanta preocupação.

No entanto, ao chegarmos ao local fomos surpreendidos, ele estava detido e enquadrado no artigo 157¹, esses momentos foram os mais angustiantes da nossa vida, tomados por uma sensação de impotência. Entre os três jovens que haviam sido presos, além do meu irmão estava o esposo de minha irmã. Um conjunto de situações e sentimentos emergiram á tona e atingiu toda família com uma tristeza muito profunda, não somente em relação às questões financeiras, mas principalmente a emocional.

Após analisar o contexto em que estava vivenciando conclui que deveria falar sobre a realidade em que estava imersa, atentei-me para o fato de minha concentração ou falta dela está ligada justamente a isto, reli alguns pontos da metodologia escrita em que eu pretendia trabalhar dentro do Centro de Reeducação Feminina (CRF) com as reclusas e fiz perguntas internas como: com que estrutura eu entraria naquele centro e tentaria fazer a pesquisa com aquelas mulheres se nem mesmo eu sabia o que fazer comigo, com a minha dor, desespero e medo?

Além disso, ressalto as questões burocráticas para desenvolver pesquisas e adentrar em órgãos vinculados ao sistema penal, como: autorizações, pré-projetos, assinaturas por parte de diretores deste órgão, estado, restrições a quem possui registros na SUSIPE (superintendência do sistema penal do estado) carteira de visitante do presídio, e antecedente criminal positivo. Todos esses fatores dificultam a entrada em qualquer órgão prisional, visto que, a partir daquele momento, sendo irmã de um detento, as tramitações para a realização da pesquisa seriam inviáveis.

Foi a partir destes questionamentos e de conversas com uma amiga de turma, e com minha professora orientadora no período, Profa. Me. Caroline de Cássia Sousa Castelo (Carol Castelo), nas quais contei detalhadamente tudo que estava acontecendo, sem poupar as lágrimas que involuntariamente caíam a cada palavra que descrevia naquele dia, cheguei a uma nova problemática de pesquisa: como essa experiência, de ter um irmão que se encontra no cárcere, me afeta, me atravessa, atravessa a minha família e a minha dança, e como esses atravessamentos podem servir de propulsores para uma poética e de que forma, por meio destes escritos posso ter ainda mais sensibilidade ao olhar para tudo e todas as

¹ O decreto Lei nº 2.848 de 07 de dezembro de 1940, no artigo 157, descreve “subtrair coisa móvel alheia, para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência a pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio, reduzido à impossibilidade de resistência”. (BRASIL, 1940, on-line)

coisas e pessoas que estavam a minha volta? Como a dança está presente no balançar de uma sacola, na corrida até o portão e principalmente como eu passei a olhar pra mim, pra dentro de mim? E como eu consigo, por meio de tudo isso, transbordar tudo aquilo que me doí, aprendendo sobre cuidar de mim para cuidar dos meus?

Por isso, o objetivo geral desta pesquisa passou a ser vivenciar um processo de criação a partir da minha experiência como familiar de um detento, no caso, meu irmão, e perceber os entrelace entre experiências de vida e criação de obras de Arte, mais especificamente, em Dança.

E, por conseguinte, este memorial de pesquisa artística tornou-se um registro de um estudo qualitativo e autobiográfico, que se constroem a partir de uma investigação de caráter subjetivo da Obra artística *Grades da Pele* que se trata de uma obra em dança contemporânea que nasce a partir de meu contato com a Seccional Urbana da Cidade Nova, lugar onde, possui um pequeno complexo de selas que são identificadas pela numeração que é atribuída, de um lado e outro como se fossem pequenos quartos, estas são separadas apenas por paredes e por um estreito corredor, local de passagem de agentes prisionais e dos demais funcionários e destinado a receber os detentos recém-presos, após todos os procedimentos legais e obrigatórios como corpo de delito e apresentação na delegacia. Neste ambiente as visitas podem acontecer com mais frequência e por mais tempo, com menos aglomerado, pois a quantidade de apenados é reduzida nesse local, na frente desta instituição penal na maioria das vezes estão parentes e conhecidos que não podem visitar e esperam por notícias de seus. Local em que tive meus principais estímulos criativos e minhas primeiras vivências enquanto irmã de uma pessoa em situação de cárcere.

E para isto, realizo um breve panorama sobre o cárcere, por meio das leituras dos autores Michel Foucault (2012), Fábio Godoi e Rafael Mallart (2017), trago as abordagens sobre Processo criativo em dança por meio de autores como André Lepecki (2012), Helena Katz e Christine Greiner (2012) que traçam suas experiências teóricas por meio da dança e suas relações com o mundo, sem uma espécie de regra ou predefinições; assim como, o conceito de coreopolítica que faz uma abordagem dialética entre a arte e a política, e coreopoliciamento, isto é, o cárcere comandado por uma vigília constante, ambos de André Lepecki (2011) e ainda a compreensão de conversão semiótica de João de Jesus Paes Loureiro (2007) para pensar como criar dança por meio de uma experiência cotidiana relacionada ao contexto do cárcere que estou vivenciando, ativando e

utilizando maneiras distintas, afim que se ampliem novos campos e possibilitem conversas em relação as forças coercivas vigentes, isto é, uma dança que cria novas formas de habitar, movimentando lugares, ligando interinidades, produzindo modos de expressar e ocupar lugares.

Percebendo desta forma que para cuidar de si e do outro por meio da dança é necessário reprimir dores, viabilizar falas e ações.

A movimentação acaba sendo por consequência esta que te esvazia de dores e transborda de forças advindas da própria vida além do imaginário criativo. E assim, ao usar a dança como forma de cuidado alcança não somente a mim, mas a todos os envolvidos dentro e fora do âmbito familiar, pois além de expressões a dança possibilita uma linguagem acessível.

Transversalizações teóricas que, junto a minha vivência pessoal e a compreensão do processo criativo como metodologia de pesquisa, geram como proposição autoral contrametodológica a noção de *Coreovisita* que compreendo não apenas como as visitas aos espaços físicos relacionados ao cárcere, mas a visita a si e visita ao lugar onde se cria dança, realizada por meio deste processo criativo em dança que me permite compor e expor a dor, que nutre e encorpa por meio de todas as cenas, relatos que acontecem dentro e fora do presídio. Inspirações de outros corpos que ora são familiares outrem completamente desconhecidos que conversam entre si e comigo, contando histórias por meio de suas marcas e andanças neste processo de cárcere, que ocasionam um misto de sensações. Cuidar de si por meio da dança requer acolher as feridas causadas pela grande imponência de um sistema opressor diante de nossos corpos, e nesse jogo, entende-se que cuidar de si, também é cuidar do outro.

Por isso, este memorial de pesquisa se organiza a partir de um plano de composição que utiliza palavras das vivências do cárcere como potências conceituais para uma pesquisa em dança, a exemplo disso, a não utilização de “sessões da pesquisa”, mas de “Portões”, pois estes, no contexto cotidiano do cárcere, são as barreiras físicas que nos separam e que não nos permite enxergar ou saber o que ocorre do outro lado, do lado de dentro do presídio, ressaltando que cada entrada do presídio possui um grande portão de ferro. Nesse trabalho, busco ressignificar esse signo, não fechando, mas abrindo os portões de minha pesquisa-dança em direção à liberdade, por isso, este memorial se organiza em três portões, realizando um caminhar de dentro para fora.

O terceiro Portão, denominado **Seccional**, que no contexto cotidiano do cárcere, trata-se do local em que primariamente eu e minha família tivemos o primeiro contato com o cárcere, e onde pude ter minhas principais experiências de como se é tratado uma família de recluso, e, por conseguinte, onde tive meus primeiros e principais estímulos para esse processo de criação, nesta pesquisa, representa a introdução e apresentação deste trabalho. Nesta está contido a minha trajetória e de minha família durante este processo, bem como uma apresentação geral da pesquisa.

O segundo Portão, denominado **Cadeião**, que no contexto cotidiano do cárcere, denomina os complexos penitenciários que abrigam uma quantidade de blocos e detentos maior do que as delegacias e seccional local e possui um sistema ainda mais rígido, no entanto possui certas “regalias” como a entrega de alimentos e visitas que duram em torno de 4 horas podendo adentrar nas celas. Este termo também mostra a etapa em que nós, familiares, pudemos ter um contato maior e melhor com meu irmão, trata-se de certa forma de um alívio de poder reencontrar e saber por suas próprias palavras como ele se sentia. Por isso, nesta pesquisa, Cadeião, passa a representar as etapas do processo criativo da obra *Grades da pele*, passando por uma contextualização do cárcere, por meu contato mais direto com esse contexto, pelas visitas realizadas ao presídio e pelo processo de composição coreográfica.

Estas etapas são dívidas na escrita do trabalho, em três blocos, haja vista que, no contexto cotidiano do cárcere, no **Cadeião**, há uma divisão de blocos, que são nomeados por letras do alfabeto, e cada grupo de detento pertence a um bloco específico dependendo do delito cometido. Este bloco, nesta pesquisa-criação, é nomeado de acordo com um modo de execução de pena, segundo o código penal brasileiro, que são eles: regime fechado, regime semiaberto e regime aberto.

No Bloco A, **Regime fechado**, apresento o contexto do cárcere, a partir de minhas vivências pessoais, enquanto familiar, e a partir de referenciais como os teóricos Michel Foucault (2012), Fábio Godoi e Rafael Mallart (2017) que tratam em suas pesquisas questões históricas acerca das relações de poder, das severas punições aplicadas aos infratores da lei, da exposição que o penalizado sofre, muitas vezes até a morte, e ainda mostra a frieza com que a sociedade se apresentava diante de tais processos.

No bloco B, **Regime semi-aberto**, trato sobre as vivências de ir e vir ao espaço físico do presídio e das visitas que fiz imersa em mim onde compreendi, a partir do contado com outros familiares visitantes e com minha própria família, a dor e como pude transforma-la em dança dando a vida este processo criativo.

No Bloco C, **Regime aberto**, apresento os laboratórios do processo de criação da obra *Grades da pele*, no qual relato as impressões sobre os ensaios e a composição coreográfica do processo criativo, que se deu por meio das experiências vividas por mim nas circunstâncias da prisão de meu irmão e das idas as este local de cárcere e que se transfiguram em gestos e cenas.

Por fim, no primeiro portão, **Cantou a liberdade**, faço minhas considerações inacabadas sobre este processo, desvelando a dança como um meio de cuidar de si, podendo converter dores em processos criativos afins de não somente curar-se, mas de poder mostrar de maneira acessível que o cárcere pode ser visto por meio desta dança, no qual o processo continua, pois existe um pós-presídio em que o termo “ex-detento” é utilizado somente na fala, pois a prática sempre deixara uma marca registrada para a família e para o recluso, mesmo que ele não esteja mais em condições de cárcere, os processos, tanto no contexto cotidiano do cárcere, quando na dimensão do processo criativo em dança, tratam-se gestos inacabados.

2º PORTÃO – O CADEIÃO (DESENVOLVIMENTO)

Pelo Código Penal Brasileiro, a privação da liberdade é uma forma de pena que se caracteriza pela constrição do direito de ir e vir. Neste tipo de pena, o condenado deve ficar retido em estabelecimento prisional para posteriormente se reinserido na sociedade. Há estabelecido na Legislação Brasileira três tipos de pena privativas de liberdade que: reclusão (crimes graves), detenção (crimes menos graves) e prisão simples (contravenções penais). O Código Penal Brasileiro também prevê os regimes de cumprimento destas penas, definidos como: fechado, semiaberto e aberto. No contexto desta pesquisa, transformo estes tipos de cumprimento em etapas de minha pesquisa, que são também as etapas que meu irmão perpassava no contexto do cárcere, a serem destrinchadas neste portão do trabalho que recebe o nome de “cadeião”.

O Cadeião, segundo a linguagem popular do cárcere consiste no complexo onde abrangem maiores números de celas, blocos, quadra de esportes, uma espécie de venda de itens comestíveis e de higiene, e onde acontece os encontros com os familiares.

BLOCO A – REGIME FECHADO: O CÁRCERE E SUAS QUESTÕES SOCIOPOLÍTICAS

Vigilância e punição

Só posso esperar que não esteja longe o tempo em que as forças, o pelourinho, o patíbulo, o chicote, a roda, serão considerados, na história dos suplícios como os marcos das barbáries dos séculos e dos países e como a prova da fraca influência da razão e da religião sobre o espírito humano.

Michel Foucault

Segundo a Lei 7.209 de 11 de julho de 1984, o regime fechado é “a execução da pena em estabelecimento de segurança máxima ou média” (BRASIL, 1984, on-line), nela contem a primeira parte do processo de cumprimento da pena no qual se deve cumprir um sexto da pena, para progressão do regime semiaberto, podem ter visitas três dias da semana, acompanhado do banho de sol na quadra de esportes.

Nesta pesquisa, *regime fechado* faz uma referência à contextualização do cárcere, suas questões sociopolíticas, perpassando pelas primeiras formas de pena, tais como a vingança e os suplícios até chegar às formas mais atuais de punição, bem como ao meu encontro com o cárcere a partir do momento em que meu irmão foi detido.

“Tendo início nos tempos primitivos, nos primórdios da humanidade, o período da vingança prolonga-se até o século XVIII” (CAVALCANTE, 2007, on-line), infratores da lei eram expostos por seus delitos e não existiam meios termos, todos eram punidos com penas cruéis e devastadoras por seus atos maldosos perante a sociedade. Essas vinganças impostas pelos fazedores de bom comportamento podiam ser dívidas em momentos de torturas, humilhação e morte todos acompanhados por uma grande multidão.

Posteriormente, historicamente, os infratores da lei passavam pelos suplícios. Os *suplícios*, por sua vez, consistiam no cortejo no qual os negligentes eram arrastados e bruscamente torturados, despedaçados e obrigados a caminharem com a arma que haviam cometido os crimes, no qual a população, da época, podia ouvir impetuosos gritos de horror e pedidos de ajuda por parte do condenado que pedia por misericórdia divina enquanto despedaçado vivo, como forma de exemplificar o que acontece com o transgressor. Nestas ocasiões, “a execução pública é vista então como uma fornalha em que se acende a violência” (FOCAULT, 2012, p. 14).

Com o transcorrer dos anos a punição explícita dos suplícios foi avaliada como inadequada a países considerados desenvolvidos em questão da “humanização” das leis. Os “Espetáculos de horror” que se propagavam pelas ruas e perpassavam por multidões, passou a ter formas mais rápidas e menos expostas.

Diria que passaram a não expor um corpo supliciado, pois as penas de morte não deixaram de existir, foram apenas mascaradas e facilitadas pelos novos recursos de se cumprir com as sentenças. Estes atos já não se estendiam pelas ruas, como forma de cortejo. Desta vez fora criado uma espécie de palco, conhecido como *cadafalso*, uma estrutura de madeira sobre a qual os condenados à morte eram executados, onde a leitura da sentença e execução da pena, na medida em que se era acusado, era punido. Os *cadafalsos* foram criados com a intenção de demonstrar misericórdia para com os réus, pois estes lhes possibilitavam uma morte mais rápida, nesses locais os réus podiam ainda tentar comprovar sua inocência diante de quem assistia e/ou poderia pedir perdão por seus atos cometidos diante dos membros da igreja e da sociedade. .

A principal prática punitiva usada nesses cadafalsos foi à decapitação, no qual não era mais exposto nem o rosto nem o corpo do acusado, apenas era feito a leitura e execução da pena.

Caso alguém fosse acusado de um crime, onde seu acusador apresentasse somente uma parte da prova esse era considerado meio infrator, naquela época ele seria punido pelo que foi acusado, ainda que a informação ou acusação não estivesse por inteira. Uma acusação estaria completa se houvesse argumentos que complementassem a outra parte, caso contrário, ele continuaria tendo uma pena “menos” rigorosa comparada às outras.

Mesmo com estas outras formas de punição, o ato em si ainda permanecia completamente exposto à população o que não contribuía em nada para as autoridades da época, pois com a questão da humanização e da repercussão negativa que esses ritos causavam na imagem de quem o praticava, e as revisões no modo de que se trata o ato de punir, alguns países começaram a alterar a forma de punição dos acusados de infratores da lei para que esses procedimentos não se tonassem mais escândalos para suas repúblicas e reinos, uma vez que o título de torturador não era algo mais coerente ao que se pedia a época de redução dos suplícios (FOCAULT, 2012).

Várias outras formas de punir foram então proposta, pois era necessária a abolição de práticas punitivas explícitas, foi por este motivo que foram criadas as *penitenciarias*, espaços onde os réus são levados e confinados com o intuito de punir não tão somente o corpo, mas também sua mente, desta forma disfarçando as torturas antigas.

No atual cenário do cárcere as novas formas de punição estão ligadas ao chamado abuso de poder, no qual alguns agentes de segurança pública usam de força maior não apenas psicologicamente, mas fisicamente, uma forma de mostrar como o sistema não somente tem domínio sobre seus corpos vulneráveis, mas sobre sua mente. Em alguns casos os réus são privados de fazerem suas refeições, são submetidos à humilhação. Estes abusos de poder não se restringem ao detento, mas por vezes a família e outros cidadãos também, como no contexto da coreopólicia que dita para a direção e a maneira em que os corpos devem se movimentar, a fim de promoverem a sua própria coreografia que predetermina o movimento das pessoas nas cidades. Como se essa movimentação tivesse se tornado um manual de instruções para restringir as pessoas com baixo poder aquisitivo, pessoas negras e outros recortes sociais que estão mais vulneráveis.

Entre divertidos e contrariados, a verdade é que todos, por fim, acabam por obedecer às ordens de comando. Quando um policial diz que é para circular, ou ir para algum lugar específico, ou apenas para sair da sua frente já, sua fala opera como um efficientíssimo comando coreográfico: o movimento correspondente é imediatamente executado, do melhor modo possível. (LEPECKI, 2012, p. 52)

Mesmo com tantas mudanças no modelo de punição, e que, de certa forma, o sistema carcerário tenha, abolido alguns modelos de punição, como o uso de uniformes que caracterizavam o detento, a iniciação do ócio, ou seja, livre de tarefas ou qualquer outra atividade que lhe possa

causar descanso mental, a pena de morte, e criado outras estratégias de punição como a criação dos *três regimes*, regime fechado, semiaberto e aberto, não se pode dizer que a cadeia, no contexto brasileiro, melhorou, facilitou a vida de detentos, ou que a mesma reabilite o preso, pois ela apenas encontrou uma forma de punir sem expor.

A Corrupção, o medo, o despreparo dos guardas, são agravantes que somam para a falência do sistema prisional carcerário, pois, além da corrupção e do desvio de verbas no que tange as políticas públicas responsáveis pela manutenção deste espaço, o alto custo de um preso, a falta de vagas e a numerosa quantidade de pessoas que aguardam julgamento, detentos cumprem para além do prazo destinado pelo juiz, medo da família sofrer ameaças, obrigando alguns detentos optarem pela não visita, contribuem para a não efetividade da prisão como reabilitação de um ser humano.

Logo, a cadeia não reabilita o preso, ela cumpre com o seu papel de mantê-lo isolado da sociedade por um determinado tempo. Uma vez que, na ideologia do encarceramento como forma de reiteração do preso, o afastando da sociedade, funciona apenas no ideológico penal, pois na prática é lamentavelmente, o contrário, pois são mínimos ou quase inexistentes os investimentos em projetos que visam à reintegração social do detento ou ex-detento.

O sentimento de injustiça que um prisioneiro experimenta é uma das causas que mais pode tornar indomável seu caráter. Quando se vê assim exposto ao sofrimento que a lei não ordenou nem mesmo previu, ele entra em estado habitual de cólera contra tudo que o cerca; só vê carrascos em todos os agentes de autoridade: não pensa mais ter sido culpado, acusa a própria justiça (FOUCAULT, 2009, p 252).

Tudo isso me fica mais evidente, a partir do meu encontro com o cárcere, pois esta experiência desvelou questões que havia presenciado apenas pela mídia e alguns relatos de forma superficial por parte de pessoas que estiveram presas, a partir do momento em que se esta inserida neste contexto, observo que a mídia ameniza, distorce e por vezes oculta a veracidade dos fatos, não por falta de evidências, mas por seguir um padrão autoritário que dita o que pode ou não ser mostrado. A realidade é bem mais pesada do que se pode exibir, a jornada de ser familiar de

detendo vai para além de uma sentença dada pelo juiz. Ela se estende para sempre assim como a vida do recluso que permanece marcada pela experiência do cárcere, mesmo depois de ter saído da prisão.

O meu encontro com o cárcere

Quando crianças, eu e meu irmão caçula Luís, que possui a diferença de idade de apenas um ano, e com a faixa etária encostada, todas as coisas se assemelhavam desde as brincadeiras a inocência, íamos e voltávamos juntos da escola, e eu por me sentir responsável por ele, por ser mais velha que ele, me via no dever de defendê-lo, cuidar e, por isso, fazíamos quase tudo junto. Porém, como em todo curso natural da vida, nós fomos crescendo e as semelhanças foram de certa forma desaparecendo na medida em que os anos se passavam.

Eu comecei a notar um comportamento oposto ao costumeiro por parte dele, não fazia mais questão de andar comigo, não nos entendíamos mais, mudei de escola e de horário, e essa lacuna aumentou, pois apesar de inteligente ele repetiu alguns anos a mesma série na escola, faltava as aulas, e se metia com colegas problemáticos, o que fazia com que nossos responsáveis fossem chamados constantemente por causa das reclamações das badernas que ele estava envolvido com outros colegas de sala na escola.

Ao passar para a 5^o série do ensino fundamental, nossa mãe decidiu matriculá-lo na mesma instituição de ensino na qual eu estudava a dois anos, como de rotina, ela tinha a ideia que perto de mim ele seria mais comportado, ficaria intimidado de fazer travessuras, pois eu poderia contar para nossos pais ao chegar em casa. Ocorreu totalmente o contrário, já que ele era destemido: Luís corria pelos corredores da escola, sentia-se dono da classe e, de certa forma, os membros da sala o respeitavam. Por isso, fui chamada incontáveis vezes para servir de porta voz da diretora para nossos responsáveis, porém isso se estendeu apenas enquanto eu permaneci na escola. Além disso, residíamos na mesma casa, porém fomos separados por nossas próprias escolhas, haja vista que, eu adentrei na Universidade federal do Pará em 2015, no curso de Licenciatura plena em

Dança, e ele, três anos depois, em 2018 adentrou na seccional urbana da cidade nova, enquadrado no artigo 157² da Lei (nº. 848 de 07 de dezembro de 1940).

Ele como detento e eu como universitária, nossas vidas marcadas mais uma vez pela contradição, pois no dia em que fui aprovada no vestibular, ele abriu um sorriso largo e me parabenizou, comprou foguetes, complementou o dinheiro para fazer o almoço de aprovação e eu, no dia de sua prisão, com lágrimas descendo descontroladamente pelo rosto ao vê-lo algemado, não consegui lhe dizer uma só palavra. Todavia, acompanhei tudo de perto, desde o momento da ligação da delegacia, no qual a pessoa do outro lado do telefone pedia a documentação e a presença de algum familiar, passando pela condução a viatura, que levava-o a fazer corpo de delitos, até as matérias que saíram em telejornais e redes sociais, que retratavam cada pequeno detalhe do ocorrido. E essas cenas perpetuavam cada dia mais em minha mente e doíam, mas eu não tinha nada mais o que fazer naquele momento, se não cuidar das questões legais

E por falar em questões legais, eu gostaria de enfatizar algumas questões raciais que acometeram minha mente frente a esta situação, considerando que meu irmão sofreu racismo explícito pelo fato de ser negro e morador de periferia. Ele sempre foi alto e mesmo quando era menor de idade era parado para abordagens policiais, alguns oficiais discutiam com nossos pais alegando que ele era grande para ter a idade mínima, ainda que verificassem e vissem que ele não possuía antecedentes criminais. Lembro que uma vez ela perguntou a um deles o motivo pela perseguição ao meu irmão, pois quando era abordado pela polícia na rua, na maioria das vezes havia outros jovens com ele, mas apenas ele era abordado.

É importante lembrar que a maior parte da população carcerária é preenchida por jovens negros e periféricos, desprivilegiados por uma sociedade que julga pela cor da pele, um sistema que condena historicamente o indivíduo pela vestimenta, corte de cabelo e estilos musicais, ditando e limitando os espaços que este pode, deve ou quando pode ocupar, pois como afirma Alves (2015, on-line):

² Subtrair coisa móvel alheia, para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência a pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio, reduzido a impossibilidade de resistência:

Pena- reclusão, de quatro a dez anos, e multa.

pelo menos 70% dos presos e presas são negros, jogados nas cadeias e penitenciárias, desde o dia seguinte da abolição não concluída. É importante fazermos esse exercício de voltar na história para entender questões atuais. As legislações criadas após a abolição da escravidão não acolheram a população recém-liberta. Ao contrário disso, o Direito Criminal perseguiu práticas, crenças, ideologias e corpos da população negra que lá estava desempregada, sem acesso a nenhum direito e nenhum lugar. Várias formas de punições foram reatualizadas e postas em prática.

Por vezes os comandantes diziam que nada tinha a ver com questões raciais, porém algumas marcas de tortura policial lhes restam pelo corpo, ocasionadas por situações como a vez em que lhe apertaram um dos dedos com alicate, ou quando chutaram sua perna com a bota, onde lhe restou um hematoma que vemos descobrir a alguns anos depois, porque, por medo de nossa reação, ele nos omitia. Algumas vezes ele chegou a chorar com tudo isso. Enfatizo, porém, que essa ênfase no contexto racial, não é uma justificativa para o erro que ele cometeu, pois assim como eu e meus outros irmãos fizemos boas escolhas, ele poderia ter feito, mas não o condenarei por isso também.

Além disso, já em situação de cárcere, a cada visita que minha família faz a meu irmão, observamos marcas da violência expostas não somente na pele dele, como e de seus companheiros de cela, pelo estado físico dele, e pelo o olhar intimidador em que os carcereiros lançam para os reclusos, o que faz com minha mãe sempre volte das visitas dizendo:

“eu sei que ele queria me dizer alguma coisa, eles sofreram alguma agressão, o olhar de revolta deles para os guardas era visível”.

BLOCO B – REGIME SEMI-ABERTO: AS COREOVISITAS

Segundo a Lei 7.209 de 11 de julho de 1984, o regime fechado é “a execução da pena em colônia agrícola, industrial ou estabelecimento similar” (BRASIL, 1984, on-line), nesta execução o apenado é encaminhado após cumprir um sexto da pena a qual passara a ser custodiado tendo direito a saídas temporárias em datas comemorativas mais importantes como: dia das mães e pais, semana santa, e final de ano, uma vez no mês contam com a visita de familiares e advogados e recebem cartas da família. E se receberem uma carta com proposta de emprego serão remanejados para uma espécie de albergue carcerário, onde saem para o trabalho e retornam no final do dia e a cada três dias trabalhados reduz um dia da pena, a cada seis meses de um curso profissionalizante reduz em um mês sua pena. Aqueles que não possuem uma carta de emprego ao cumprir um terço

da pena no regime semiaberto e tiver um bom comportamento, é encaminhado para o regime aberto (domiciliar), onde ainda responderá ao processo em liberdade.

Nesta pesquisa, *regime semi-aberto* faz uma referência aos processos de (coreo)visitas ao espaço prisional, bem como de minhas experiências cotidianas com a situação do cárcere como indutores da criação coreográfica haja vista que, nesta experiência, nós, meu irmão, eu e minha família, éramos réus primários no que diz respeito ao cárcere, pois ainda aflitos por não saber como agir, que decisões tomar, o que encontraríamos naquele lugar, e qual impacto ele nos causaria, desde que soubemos o primeiro local onde Luís iria ficar, minha família e eu passamos a ir para frente do lugar constantemente.

E lá estávamos nós, no Conjunto Cidade Nova VII, Tv. We 79, 608, bairro do Coqueiro, na cidade de Ananindeua, na beira da pista de asfalto, com seus portões largos, de cima a baixo gradeados e com apenas um funcionário na recepção do portão em busca de todas as informações que fossem necessárias para a família e para o detento: a seccional da cidade nova fica. Apesar de conhecer muitas pessoas que estiveram encarceradas, nada se compara a ter uma pessoa de dentro de seu âmbito familiar preso, e o pior não sabermos como agir, por ser nossa primeira experiência desta natureza.

Fomos muito mal recebidos pelo funcionário responsável por repassar os informativos, como se nós fossemos as pessoas que tivessem cometido o delito. Entregaram-nos uma relação de papel, uma lista, constando coisas que se podia levar, e o dia em que se podia levar também, e complementou dizendo que o detento perguntado estava no centro triagem, lugar para onde todos os presos são encaminhados logo após a prisão e onde aconteciam as audiências de custódia. Atualmente as audiências acontecem no fórum de justiça.

Ao voltarmos na sexta-feira, dia destinado a entrega do material, por uma decisão minha, resolvi que eu era quem entraria para visita-lo, pois preferia passar por aquele constrangimento, uma vez que é necessário se despir despedir e ser revistada para tal, do que ver minha mãe passando por isso, porém, ao perguntar que horas eu poderia entrar, e o funcionário me informou que meu irmão havia sido remanejado para uma

cela, a **cela cinco**, sem aviso nenhum, e por conta disso, fomos impedidas de deixar o material que levamos e há quase uma semana detido, ainda não tínhamos conseguido entregar nada a ele.

Logo depois, minha mãe decidiu tirar a carteira de visitante, alegou que não se importava de passar pela revista, que faria qualquer coisa pelo filho, e apenas aceitei sua colocação.



Figura 02 -Fotografia do espaço verde que fica à frente da seccional urbana da cidade nova, cultivada por moradores das proximidades, responsáveis também pela manutenção e limpeza do local. Fonte: acervo pessoal.

O fato é que, os indutores para os laboratórios de criação da obra coreográfica começaram por entre estes episódios, pois desde a notícia da prisão dele, mesmo que inconsciente eu experimentava sem me dá conta da proporção dos impulsionadores da poética e neste processo de visitação aos espaços físicos do cárcere estes impulsos tornaram-se mais latentes.

A cada dia da semana, de terça-feira a sexta-feira, ocorrem às visitas. O dia da visita ao réu depende do número da cela onde este se encontra, por isso, as visitas ao meu irmão acontecem toda quinta-feira, pois é o dia determinado para a cela

cinco, onde ele se se encontra recluso.

Na frente da seccional possui uma espécie de terreno arborizado, creio que por conta das pessoas que não podiam entrar para procurar um lugar com sombra para se abrigar. Desta forma aquele espaço virou uma espécie de praça, onde possui troncos de arvores caídos que servem de bancos, e flores plantadas por moradores das proximidades. Das vezes que estive sentada neste local, observei que algumas pessoas moradoras das proximidades regavam aquela espécie de jardim frente ao asfalto que fica a alguns metros do portão.

Ao redor do local, vendedores ambulantes, vendedores de café, Chopp, comida, e pessoas que alugam roupas para visitantes que aparecem com trajes “impróprios” e são barrados nas visitas. Os trajes permitidos são apenas calça jeans, blusas de manga, que cubram o abdome e de cores claras. Um dos motivos pelo qual optei usar uma camisa preta no meu processo criativo, coisas coloridas remetem alegria felicidade, coisas um pouco distante do que sentimos nesse local, essas cores representam a contradição dos sentimentos, o escuro é a realidade de dentro da cela, e pra mim, representa a incapacidade de não poder ver meu irmão.



Figura 03 – Fotografia de uma mesa improvisada funciona como banca de vendas, água e café da manhã. Fonte: acervo pessoal.



Figura 04 – Fotografia de um tronco de uma árvore cortado ao meio, serve como banco, para as pessoas que ficam a espera, de entrar ou a espera de quem sai da visita.
Fonte: acervo pessoal.

À medida que passei a frequentar esse lugar percebi que apesar de cada pessoa ter uma história diferente, no que diz respeito a como seu parente, amigo, cônjuge chegou a esse espaço, todo o relato tem algo em comum: o desejo da liberdade. Libertação não apenas de um detento, mas de dores, saudades, insegurança e das tristezas.

E por essa compatibilidade de sentimentos eu acabo criando vínculos com as pessoas, pois cada um tentava ajudar o outro de sua maneira, seja com palavras, uma caneta para escrever o nome e o número da cela no pote ou sacolinha transparente³, que serve para pôr os mantimentos, caso o outro não tenha levado, e talvez essa ajuda seja uma forma de fazer pelo outro o que não se pode fazer pelo seu detento.

A maioria das visitas chega bem antes do horário de entrar, por conta da visita ser por ordem de chegada, e já que muitas fazem amizades na frente deste local, aqueles que chegam primeiro guardam lugar para a outra que não consegue chegar tão cedo, por conta de residir mais longe, ter filhos pequenos, entre outros contratempos. Ressalto que a maior partes das visitas são mulheres, responsáveis por cuidar de todas as questões desde o judicial ao alimentício.

³ Todos os itens levados, seja de higiene ou alimentício precisa está dentro de sacola transparente, para demonstrar que ali somente possui o autorizado, sujeitos a revista antes de ser entregue ao detento, esses são recebidos somente após o término da visita, passando por uma nova revista antes de adentrar a cela.



Figura 04 – Fotografia de sacolas com itens que serão entregues aos detentos, marcam a ordem de chegada dos visitantes. Fonte: Acervo pessoal.

A ordem da fila é marcada por sacolas e mochilas de quem vão adentrar, pois por conta de chegar cedo ou pelo sol, quem chega põem a sacola na lateral do portão, e à medida que se chega se organiza atrás da que está posta e assim sucessivamente, depois de colocada, a pessoa se dirige para a “pracinha” e senta-se no aguardo de entrar.

No meio das conversas descontraídas e risadas, sempre surge um suspiro, geralmente acompanhado de uma história sem final feliz.

“Meu filho mais velho foi morto após quinze dias que havia recebido a liberdade, hoje eu luto pelo filho mais novo que tá preso, mas vivo, e por ele eu vou fazer ainda mais o que puder para não ter o mesmo fim do irmão mais velho, agora é ele eu e Deus, eu preciso lutar.” (Relata o pai de um detento, que estava à frente da seccional esperando o horário de visitar o filho encarcerado há dois meses).

São relatos que relembram a violência fora e dentro dos portões, como algum parente tirou a vida dentro da cela, a reincidência ou a falta de interação com o meio social depois que ganhou a liberdade, esses fatos geralmente são contatos por parentes de detentos, as próprias marcas do sofrimento no rosto falam por si, e o olhar fito para aquele corredor que do acesso à cela de visita.

A cela direcionada as visitas são de frente ao portão do acesso ao lado de fora, nela possui a grade de segurança, e mais uma porta de ferro que serve para a maior segurança e impede fuga, o portão do acesso à rua, é consideravelmente longe. O espaço que fica entre a porta da sala de visita funciona como pátio que abriga outras salas, á de direção e assistência social.

A vida de quem fica de frente sem poder entrar não é tão fácil como se parece, pelo contrário, talvez seja mais angustiante, quem visita pode abraçar tocar, ouvir, e as pessoas, que assim como eu, não podem entrar, ficam à espera da saída de quem entrou para visitar, para saber tudo sobre o que está acontecendo, quando acaba a visita nos falam a cor da roupa de nosso parente e nesse portão podemos ver vagamente a cor da roupa e um emaranhado de mãos que acenam incansavelmente para quem está fora.



Figura 05 – Fotografia do Pátio da seccional. Fonte: acervo pessoal

Por vezes consegui enxergar nitidamente o sorriso e as mãos de meu irmão em minha direção, a felicidade e a sensação de alívio tomavam conta de mim, algumas vezes podia ter essa sensação por quase cinco minutos, outras vezes nem mesmo por um segundo, os carcereiros ao

perceber que nós estávamos ali para tentar pelo menos acenar, como se fosse uma forma de dizer “ei, eu estou aqui”, imediatamente batiam o portão em nosso rosto, mandavam nos saímos de frente ao portão e parar de gritar.

Como é de esperar, haja vista que a polícia é aquilo que diz que, aqui, nesta rua, não há nada a ser visto e, portanto, nada mais a fazer do que continuar se movendo. Ela nos diz que o espaço para circulação não é mais do que o espaço de circulação e que ali não há mais nada a ser visto (Lepecki, 2012), como ouvi nas várias vezes em que eu pedi licença, acompanhada do bater das grades. Apesar de saber que aqueles funcionários apenas cumprem ordens, fazendo seu trabalho de manter a segurança a ordem do local, a sensação de impotência aflora nossos sentimentos e nos levam a pensar a que extremos ainda pode se chegar.

Velam nossos corpos como se fossemos infratores, representantes de ameaças para o sistema penal. Existem casos de pessoas que facilitam itens indevidos, mas a grande maioria, obedece a regra imposta para a visitação, pelo bom caráter e a busca de melhorar e incentivar o recluso a mudar de vida, se existe não é posto em prática a política de bom acolhimento para a família, levando em consideração a importância do apoio familiar no auxílio financeiro, na reinserção social do apenado e principalmente emocional. Haja vista que uma das principais causas de reincidência no crime é o abandono parental.

No caso do prisioneiro, o apoio dos parentes assume papel de fundamental importância a esta população que sofre forte rejeição e segregação sócio-familiar. As pessoas tendem a evitar o contato, sobretudo, pelo medo, preconceito e toda e todo um conjunto de desinformação a respeito da realidade a que estão sujeitos os encarcerados no seu cotidiano. O apoio familiar deve estender-se ao parente prisioneiro desde a sua esfera afetiva, psicológica até mesmo a ajuda financeira, quando o mesmo se encontra impossibilitado temporária ou permanentemente de exercer sua atividade profissional. (NETO, 2012, p. 43)

Todas essas experiências que descrevi acima, e tantas outras que não caberiam nestes relatos, têm chamado de *coreovisitas*, pois a partir dessa metodologia comecei a criar minhas formas de pensar e trilhar o movimento daqui em diante, cada elemento que faz parte desse ambiente e de que maneira ele me atravessa nessa poética.

A visita remete a situação de chegada de algum amigo, parente ou pessoa querida, que passará um dia ou dois e relembrará algo do passado que gerou alegria a todos os visitantes. No contexto carcerário, como descrito anteriormente, as visitas também são sinônimos de chegadas, porém os curtos momentos felizes são medidos por um grande relógio na parede que corre com toda a pressa, interrompidos a todos os momentos por homens que usam fardas e te obrigam a sair da sala de visitação. Esse ato não se limita somente a quem entra, mas quem permanece do lado de fora, essas visitas posso afirmar que não são restritas somente ao espaço físico, mas a si próprio. E é a partir desta experiência de visitar meu irmão, e por conseguinte os espaços físicos do cárcere, que penso esta ideia de *coreovisitas*, uma forma de explicar tanto o processo de visita ao lugar onde meu irmão está recluso, por conta da experiência familiar em questão, quanto o processo de visitas a mim mesma durante o processo criativo da obra coreográfica.

Sendo assim, comecei a trilhar esse processo de coreovisitas pensando em um quebra-cabeça, onde cada etapa vivida, desde a presente data do dia 06 de novembro de 2018, data em que meu irmão foi detido, fosse uma peça dele e as outras etapas, as outras coreovisitas, fossem problemas a serem solucionados ao começar montar o quebra-cabeças. E ao juntar todas as peças da figura, possamos finalmente aparecer completos neste processo.

A invenção do caminho das visitas

As coreovisitas são fundamentais em todas as partes desse processo de criação, elas criam os caminhos por meio de experiências em que estou imersa, ajudando a converter falas, cenas, objetos e sensações causadas pela experiência do cárcere, por meio de atravessamentos e sentimentos em uma experiência dançante.

A experiência de esta imersa nestes espaços físicos que a experiência do cárcere solicita é extremamente tateável. O lugar fala mesmo quando se não tem ruído algum, as imagens, as pessoas que vemos durante a passagem por esse lugar deixam marcas em nossos corpos, que ao criamos movimentos são ativados de maneira involuntárias. Cada pessoa que encontrei neste processo leva um pouco de mim e deixa um pouco de si, o

corpo funciona como uma máquina de fotografias que registra tudo ao longo do dia e no processo de composição coreográfica revela suas impressões, mas ao invés de uma folha de foto ele se revela em movimento.

*Eu preciso me restaurar, me ressignificar, me curar e transmutar
E nesse ato de cura primeiro morrerão meus braços, depois minhas pernas,
em seguida meu tronco e por último a minha cabeça.
E depois de enterrado, em ordem reversa, eu renascerei,
desta vez, outro homem, já curado de todas as dores deste mundo.*

O forno - Juanielson A. Silva (2019, p. 08)

Ressalto que a experimentação, além das percepções causadas no espaço físico visitado e pelas pessoas encontradas, se estende ao âmbito familiar, pelo fato de que quando se retorna ao lar, teu corpo e de tua família sofreu inúmeras mutações sentimentais. O corpo começa a se comunicar, pois no preparo dos itens a serem levados, como comida e roupa, há uma satisfação e a euforia que tomam conta, observo corpos eretos, faces felizes, conversas de felicidades e cantorias aleatórias, mas ao chegar no local de visita a expressão vai mudando conforme o passar das horas, por conta da tensão causada pelo fato de não saber se poderá adentrar, se houve alguma alteração de última hora, nesta etapa os corpos estão tensos e endurecidos, inquietos, coberto de uma dúvida angustiante. Outro momento de entrar, de estar perto das pessoas reclusas, mesmo que por pouco tempo, de saber que seu familiar irá poder sentir o gosto da comida de casa, se alegrará por ver seu próximo ali, e o momento mais barulhento que acontece ao vermos aquelas mãos que acenam incansavelmente, o ruído daquelas grades se fechando, e o momento de retornar a nossos lares, cheios de incertezas e um ensurdecedor silêncio.

Todos esses processos foram e são essenciais no meu processo de criação, pois aprendo a ouvir o silêncio, a calar o barulho e a dar voz a outros corpos que estão completamente silenciados, mas que me emergiram mesmo sem saber. Nessas experimentações eu transbordo, e entendo como outros corpos também falam por si, e como esses mesmos corpos criam uma grande teia que se liga e se forma a cada novo dia de visita.

Muros e grades geladas do orvalho da madrugada me incentivam a buscar por um caminho que eu nunca havia pensado. Essas idas a esse local me fizeram perceber mínimos detalhes que nunca havia percebido, mesmo tendo passado diversas vezes sem nunca ter dado a mínima importância e sem me da conta o quanto aquele lugar pode afetar um ser humano, tanto do lado de dentro quanto do lado de fora.

Por meio das idas percebo o quanto uma situação pode ressignificar um espaço e um corpo, cada vez que se cria se multa a cada memória corporal que se ativa por meio as lembranças de corpos desconhecidos que carregam uma história triste ou feliz, aquela impulsão que surge ao avistar um detento conseguindo sair daquele lugar e ver que do lado de fora alguém espera. O sol que te aquece o corpo, mas não penetra para romper o frio da alma, a chuva que cai e que se mistura ora com as lágrimas de tristezas ou alegrias, o vento que uiva e que por vezes fala o que ninguém consegue dizer.

Percebo que cada pessoa, e cada sensação dessa, se torna parte de meu jardim imaginário, o que me auxilia a traçar cada movimentação/gesto dessa poética coreográfica. Nela, os andares são como movimentos das flores e dos galhos que se balançam com vento, pois-existem pessoas que são como flores vivas cheias de esperança, outras que estão adormecidas pela dor, as que estão quase mortas por conta de suas próprias frustrações e as que mesmo cortadas brotam de seu pequeno talo. São flores que racham aquele solo de concreto, com a esperança de dias melhores, movimento natureza e pessoa, sensações que se grudam a teu corpo e que influenciam movimentos que te fazem dançar.

Sem deixar de citar o indutor mais presente e um dos mais importantes: o *corpo familiar*. Corpos estes que diz respeito aos corpos de meus pais, meus irmãos e ao meu. Corpos que experienciam o cárcere todos os dias e não apenas nos dia de visita. Corpos que transitam pelo corredor de casa, olhares que se perdem em meio ao nada, ou que ecoam pela janela da sala, aquele corpo estendido sobre o frio da lajota, sobre os choros escondidos disfarçados de qualquer desculpa para acabar não preocupando a quem pergunta se está tudo bem.

Como *artista-pesquisadora-visitante* posso afirmar que em vários momentos me perdia em mim, em tantas informações e no meu próprio desespero, desta maneira comecei a buscar linhas de fugas que pudessem me fazer criar e organizar meus indutores sem me perder, passei então a escutar tudo que ecoava por meio desses encontros, mas escutar não o que se fala oralmente, mas fisicamente, com um olhar, com a realidade

natural das coisas, não romantizados, movimentos de corpos cansados, saturados, sem vontade, arrastados apenas pela vontade de ter outro corpo ao encontro do seu.

Falamos exclusivamente disto: multiplicidade, linhas, estratos e segmentaridades, linhas de fuga e intensidades, agenciamentos maquínicos e seus diferentes tipos, os corpos sem órgãos e sua construção, sua seleção, o plano de consistência, as unidades de medida em cada caso. (DELEUZE e GUATARRI, 1995. p.11)

BLOCO C – REGIME ABERTO: A COMPOSIÇÃO COREOGRÁFICA

Houve dias em que eu experimentei dançar para aliviar a tensão do momento, usando lembranças e ouvindo músicas que pudessem falar por mim, isto é, letras que falassem sobre dor. Porém mesmo assim nada fluía, optei por sair, ir à frente de casa, ir para a rua, andei e a menos de um metro, possuía uma construção de uma casa, e as páginas? De saudade aumentaram, pois ele ficara vez ou outro encostado nessa parede não acabada, conversando com amigos. Ainda que isso me remetesse à imagem dele eu adentrei essa construção, me pôs ao centro e fechei os olhos, comecei a imaginar qual seria a sensação de presa em uma cela, sem poder sair, a dificuldade de circular o vento, deixando a respiração mais difícil, cercado de pessoas, e se sentir só.

Quando pensamos em determinado tema, temos a mania de romantizá-lo e achar que tudo fluirá, a verdade é que neste momento aconteceu o contrário com meu processo, tudo estava preso, e mesmo que eu tivesse os impulsos não conseguia criar absolutamente nada. Percebi então que criar não é uma tarefa fácil, pois tudo que nos desafia a sair da bolha que criamos ao nosso redor parece desconfortável.

Haja vista que, para conseguirmos bons resultados precisamos nos atentar que cada indivíduo carrega dentro de si particularidades e sentimentos que muitas vezes não se conseguem expor de modo falado, e que é neste contexto que a arte por vezes se torna o ponto de fuga e de expressão para esses sentimentos, por meio, por exemplo, de uma pintura, uma dança ou uma literatura escrita Uma vez que:

A cultura de um corpo é autêntica uma bagagem que o corpo carrega de validade única, de uma verdade viva e não disfarçável, a cultura permeia o ser de uma pessoa em sua essência, o que se vive e o que aprende fica impregnado mesmo que inconscientemente, mas num determinado momento aquela bagagem de conhecimento e experiência se mostra, assim como num processo de criação de dança, no ato de mostrar-se, o eu do artista parece e aos olhos críticos se torna mais que movimentos, tornam-se histórias. (ANDRADE E SANTOS, 2016.p. 71)

Entendi então que, eu não poderia entender e sentir de que forma isso atingia ele, mas poderia compreender *de que maneira isso me atravessava* na verdade. Logo, percebi que o processo era sobre isso:

Sobre a saudade, a impotência e o distanciamento que se manifestavam em meu corpo. Sobre as mãos que acenam por entre as grades, minha condição enquanto irmã do Luís. Sobre como tem sido vivenciar essas experiências em meu corpo, principalmente, a partir dos encontros com meu irmão, e com os outros corpos que passam por experiências semelhantes a nossa: *corpos-familiares-visitantes* que se encontram com *corpos familiares-prisioneiro*.

*“Sempre fui sonhador, é isso que me mantém vivo
 Quando pivete, meu sonho era ser jogador de futebol, vai vendo
 Mas o sistema limita nossa vida de tal forma
 Que tive que fazer minha escolha, sonhar ou sobreviver
 Os anos se passaram e eu fui me esquivando do ciclo vicioso
 Porém, o capitalismo me obrigou a ser bem sucedido
 Acredito que o sonho de todo pobre é ser rico
 Em busca do meu sonho de consumo
 Procurei dar uma solução rápida e fácil pros meus problemas:
 O crime, mas é um dinheiro amaldiçoado
 Quanto mais eu ganhava, mais eu gastava
 Logo fui cobrado pela lei da natureza, vish
 14 anos de reclusão
 Barato é loco, barato é loco”
 (Racionais Mc's – A vida é um desafio)*

Então eu parei frente a um espelho e me perguntei:

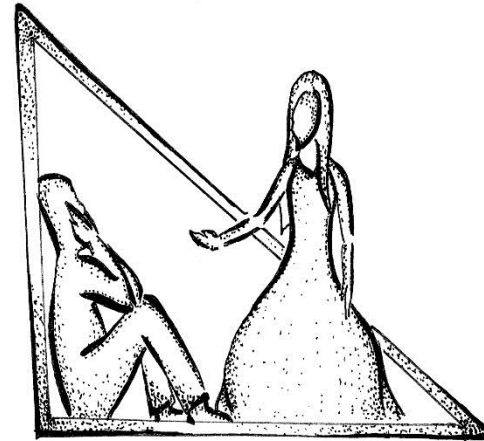


Figura 06 - Desenho sobre a relação irmã e irmão em situação de cárcere. Fonte: Juanielson A. Silva

Por que e como dançar esse
contexto?

No Brasil, de acordo com a lei nº. 7.209, de 11 de julho de 1984, dá-se o nome de regime aberto a “execução da pena em casa de albergado ou estabelecimento adequado”(BRASIL, 1984, on-line), isto é uma condição, pode se ter uma certa regalia pelo fato de esta no ambiente de costume ou mais aconchegante, no entanto qualquer descumprimento das condições impostas pela justiça sem justificativa viável e esclarecida o apenado volta imediatamente para o regime fechado, mesmo que ele esteja em casa precisa cumprir, neste trabalho *Regime aberto*, nesta pesquisa-criação, faz alusão ao processo de composição coreográfica da obra, o que envolve reflexões sobre a seleção em um processo de criação em dança, que como forma de reapropriação de termos do contexto cotidiano do cárcere chamei de *triagem*, sobre as experimentações corporais, que chamei de *indutos* e sobre a conversão semiótica na dança que chamei de *reblocagem*.

TRIAGEM – A Seleção em um processo de criação em dança

Triagem é uma cela separada das demais é o lugar para onde os presos são encaminhados após sua prisão, onde ficaram confinados somente até o dia da audiência de custódia onde definira quais rumam à liberdade ou encaminhado novamente para o cárcere, a triagem separa detentos recém-chegados dos que está há mais tempo.

No contexto da poética, triagem significa separar, organizar, escolher ,ou seja, são os ensaios, as experimentações o ato de idas e vindas do presídio que funcionam como laboratórios cênicos, onde as experiências mesmo inconstantes tidas nestes locais servem de propulsões a criação da poética em dança.

A música utilizada neste processo é “A vida é um desafio” do grupo de rap, Racionais Mc’s, que retrata a vida de quem escolhe o mundo do crime e trata de questões políticas e sociais e começa com um desabafo.

A escolha desta para meu processo criativo coreográfico tem relação diretamente com a minha realidade, vinda de família humilde, bairro periférico e agora na condição de familiar de um detento, a forma como nossos corpos são velados e taxados, são pressionados e empurrados para um local desconhecido e pavoroso. A música me ajuda a lembrar de onde eu vim e para onde eu preciso ir, quando escolho uma composição musical que é vista como “coisa de favelado” eu me dou voz e dou voz a quem não pode ter, a escolha parte não somente da memória que também

remete ver meu irmão sentado na sala de casa, escutando repetidas vezes essa música, mas pelo desejo de ter algo que seja acessível aos olhos e ouvidos de pessoas que, assim como eu, estão imersa em uma realidade impetuosa que muitas vezes não lhe dispõem escolhas se não vive-la.

Mas é importante que saibas que isto também é uma tentativa, uma estratégia, pois nada aqui está dado e posto como verdade absoluta. Uma vez que da vida pouco sei, já que são tantos e talvez infindáveis questionamentos que não consigo, e talvez nem deva responder, pois boa parte daquilo que me atravessa está em uma instâncias não racional, ou seja, indizível e não verbalizável. (SILVA, 2019, p.5)

Quando comecei a vivenciar o espaço físico de um presídio eu percebo quanto á necessidade de “ACREDITAR QUE SONHAR SEMPRE É PRECISO”, como a esperança pode nos manter de pé ou pelo menos tentando levantar, enquanto as fases ruins passam lentamente diante de nossos olhos, por meio de cada experiência vivida em um portão de cárcere.

Dançar sobre esse contexto e com essa música tem a finalidade de me libertar de dores, de traumas de buscar dançar o meu lugar, de rachar o solo que esta estereotipado por uma “lei” que não me inclui, me exclui, que não quer me permitir ter voz sobre o que eu vivo, minha escolha parte da vontade de levar o meu lugar onde já existe a coreografia predestinada, eu escolho dançar o que me liberta e não o que me prende, essa música faz parte de um processo de libertação do corpo preso a tantas questões que tentam me calar.

Outro exemplo desta relação entre subjetividade e processo de escolha, foi à escolha do local para as experimentações e encenação da obra, pois inicialmente comecei meu processo de criação dentro do meu quarto, porque além de ser pequeno abafado a luz é pouca, e acreditava que



Figura 07 – Fotografia de Caixa de concreto que cobre as tubulações e que na poética são comparadas as pedras que os detentos dormem. Fonte: Acervo pessoal.

seria mais fácil pensar em como seria estar “presa” se estivesse naquelas condições, apesar de conseguir avançar com uma ou duas oitavas coreográficas, conclui que aquele lugar ainda era confortável demais para se pensar em uma cela.



Figura 08 – Fotografia de experimentações corporais, retirada em dia de ensaio. Acervo pessoal Fonte: Acervo pessoal.

Por isso, escolhi outro lugar: um espaço na ETDUFPA (Escola de Teatro e Dança da UFPA). Um vagão que serve para proteger as caixas do ar condicionados, e serve também para guardar alguns materiais de construção que sobraram de alguma obra da escola. Minha escolha se deu pelo fato de esse lugar se assemelhar a uma cela do sistema prisional: insalubre, sujo e com espaço reduzido, pela forma que foi construída e também pelo grande número de entulhos que se encontram ali, e por uma caixa de concreto feita para proteger as tubulações, bem parecida com a pedra feita para dormir nas celas.

É um lugar tedioso, e mesmo sabendo que a qualquer momento eu poderia sair me senti desesperada, com medo, corri de imediato para fora, esquecendo as sandálias, retornei ao local, e desta vez tranquei o portão de acesso, mesmo tomada pelo medo, eu dancei naquele caos, busquei tirar alguma coisa daquele dia, notei que as pessoas passavam a toda hora e olhavam para o lado de dentro daquele pequeno espaço, questões de segundos, mais angustiantes, ensaiar, ver as pessoas te olhando com um olhar de desprezo sem ao menos saber o que tu estavas fazendo ali no meio da sujeira.

Algumas vezes me perdia no meio de tantos pensamentos: como será viver obrigado em um espaço com tantas outras pessoas que você não conhece? Como é concebível viver em condições salubres?

Como é possível dormir com medo?

Esse local fica próximo à cantina da escola, que para ter acesso é preciso caminhar por um corredor de concreto que ao fim possui uma grade de ferro que pode ser assemelhar a uma cela. Apesar de ser um local em uma escola onde se faz arte, ressalto que esse lugar não é usado em processos, pelas condições de sujeira e insalubridade, porém é algo semelhante a esse que meu irmão se encontra e se eu realmente queria falar disso eu precisava me apropriar deste lugar.

OS INDUTOS – experimentação, lugar e rachadura

O induto no contexto carcerário diz respeito às saídas temporárias dos detentos que se encontram no regime semiaberto em datas festivas, como natal, círio, e outros feriados, monitorados por uma pulseira eletrônica, uma forma de o sistema penitenciário observar se os mesmos retornaram ao local no dia correto. Essas saídas acontecem repetidas vezes aos detentos que retornam e tem bom comportamento.

No contexto de minha pesquisa-criação em dança consiste nas experimentação corporais, que envolvem improvisação, repetição e alteração de gestos ao ser atravessada por estímulos novos, vindo do lugar onde se experimentava e das memórias envolvidas no processo, tendo assim uma visão mais ampla do lugar onde se cria dança por meio de coreovisitas a este lugar, pois experimentar nesse lugar é uma descoberta de si por meio de uma observação sobre objetos, memórias e gestualidades.

Além disso, percebo que voltar ao portão de onde meu irmão está recluso, altera a forma com que me relaciono com o lugar onde crio dança, pois estar na frente daquela cadeia me faz perceber o quanto ainda tem para ser explorado e o quanto ainda posso extrair de sensações e ressignificar as já existente em meu corpo e em minha poética, pois mesmo com uma coreografia pronta a ser dançada, no momento em que adentrei aquele chão, meu corpo trouxe outras questões à tona. Assim como, no momento em que experimento no chão onde crio dança, algumas cenas automaticamente são alteradas pelas sensações que esses espaços remetes, como, por exemplo, a sensação do contato do corpo ao chão molhado

de chuva, que ao toca-lo se contrai involuntariamente e o mesmo acontece quando este chão está quente. Por tanto, o corpo recebe e aceita estímulos vindos do próprio meio em que está inserido.



Figura 09 - Fotografia de experimentações corporais, retirada em dia de ensaio. Acervo pessoal Fonte: Acervo pessoal.

Eu lavei minha alma ao te puxar para a chuva. Eu sei que é insano querer que alguém pule no rio sem nunca nem ter mergulhado em um igarapé, mas eu preciso que você confie em mim. Eu serei tua canoa. Eu serei rio contigo. (SILVA, 2019, p. 33)

Caminhei fazendo movimentos de idas e vindas pelo menos umas quatro vezes, parei em frente aquela grade, abria e fechava incansavelmente, e por um impulso eu escancarei, pois sinceramente era o que eu queria fazer com a *cela cinco, cela onde meu irmão se encontrava*. Uma imensa raiva e tristeza tomou conta de mim, e motivada por esses sentimentos eu entrei naquele vagão que fica do outro lado da grade.

Tirei as sandálias dos pés, pois eu queria sentir tudo que estava lá, mesmo tendo consciência que aquele lugar é completamente sujo, eu cheguei a deitar no chão, alternei durante uns quarenta minutos entre se sentar e se deitar. O ambiente estava frio, por conta do período chuvoso, levantei e tateei aquele espaço, cada pedaço, eu queria perceber não só o que ele me remetia, mas como ele era feito.

Após experimentar por uns minutos, uma imagem me veio à mente: meu irmão aparece trajando a roupa que foi pego, e outra hora aparece sem parte dela.



Figura 10 - Fotografia de experimentações corporais, retirada em dia de ensaio. Acervo pessoal Fonte: Acervo pessoal.

desequilibrando e desestabilizando, subjetividades predeterminadas e corpos pré-coreografados para benefício de circulações que, apesar do agito, mantêm tudo no mesmíssimo lugar. A rachadura já é o chão, já é o lugar, e é com sua parceria que podemos agir o desejo de uma outra vida, de uma outra pólis, de uma outra política – de uma coisa outra, pois a arte e a política, na sua fusão constitutiva, nos lembram que há tudo ainda a ser visto, sim; há tudo ainda a ser percebido, sim; tudo ainda a ser dançado. (LENPECKI, 2012 p. 57)

E já que a música começa com um desabafo como citado acima, então repensei, fiquei posicionada a frente na parte de fora do portão e me despir enquanto a música narrava o desabafo. Compreendi então que era necessário tirar as roupas minhas e colocar as roupas dele. .

Com um short preto por baixo da calça, a blusa que ele me deu há alguns anos no canto do portão, jogada pelo lado de dentro, à espera do momento de entrar, me joguei naquele chão.



Figura 11 - Fotografia de experimentações corporais, retirada em dia de ensaio. Acervo pessoal Fonte: Acervo pessoal.

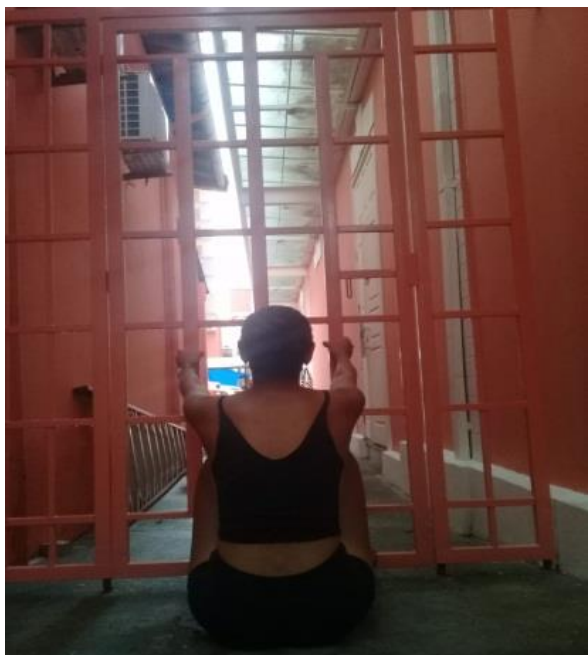


Figura 12 - Fotografia de experimentações corporais, retirada em dia de ensaio. Acervo pessoal Fonte: Acervo pessoal.



Figura 13 - Fotografia de experimentações corporais, retirada em dia de ensaio. Acervo pessoal Fonte: Acervo pessoal.



Figura 14 - Fotografia de experimentações corporais, retirada em dia de ensaio. Acervo pessoal Fonte: Acervo pessoal.



Figura 15 - Fotografia de experimentações corporais, retirada em dia de ensaio. Acervo pessoal Fonte: Acervo pessoal.

Entendo que, quando passo a perceber, sentir e a viver outras experiências para além do meu campo de conforto, eu consigo enxergar mais, não somente o meu corpo mais outros corpos, corpos que não conseguem sair de uma coreografia instalada por um sistema que dita o que, quando e onde deve ser feita. Sendo assim, a coreografia se tornaria uma metatopografia.

Lendo e ao mesmo tempo reescrevendo o chão, reinscrevendo-se no chão, por via do chão, numa nova ética do lugar, um novo pisar que não recalque e terraplane o terreno, mas que deixe o chão galgar o corpo, determinar os seus gestos, reorientando assim todo o movimento, reinventado toda uma nova coreografia social, a coreopolítica. (LEPECKI, 2012,p. 49)

Repensar, desconstruir e expor não é apenas uma forma de se diferenciar de outras espécies, mas uma forma de resistir às imposições sociais, pois como afirma, Lepecki (2012) para se reafirmar no espaço em que se habita ou que se quer ocupar, não basta apenas estar em um chão, mas fazer uma rachadura no solo, nos padrões, por meio da busca na força que se

tem dentro de mudanças feitas.

Porque a rachadura, finalmente, não é mais do que o chão emergindo como força coreopolítica: desequilibrando e desestabilizando subjetividades predeterminadas e corpos pré-coreografados para benefício de circulações que, apesar do agito, mantêm tudo no mesmíssimo lugar.

A rachadura já é o chão, já é o lugar, e é com sua parceria que podemos agir o desejo de uma outra vida, de uma outra pólis, de uma outra política – de uma coisa outra, pois a arte e a política, na sua fusão coconstitutiva, nos relembram

que há tudo ainda a ser visto, sim; há tudo ainda a ser percebido, sim; tudo ainda a ser dançado. (LEPECKI, 2012, p. 57)

A REBLOCAGEM – Conversão semiótica, fazer político e dança

Conheci o paraíso e eu conheço o inferno, vi Jesus de calça bege e o diabo vestido de terno, no mundo moderno as pessoas não se falam, ao contrário, se calam, se pisam, se traem, se matam, embaralho as cartas da inveja e da traição, copa ouro e uma espada na mão. O que é bom, é pra si, e o que sobra é do outro, que nem o sol que aquece, mas também apodrece esgoto e muito louco olhar as pessoas, a atitude do mal influencia a minoria boa, morrer a toa, que mais? Matar a toa, que mais? Ser presa a toa, sonhando com uma fita boa.

Racionais MC's

Projetos de danças voltados para o cárcere, escolas, e outros lugares, muitas vezes nem ao menos chegam a ser lidos, e quando provados ainda precisam ser totalmente modificados para fins de recreação ou festivos, ocupar lugares por meio da dança é uma luta constante e árdua por muitas vezes ser entendida apenas como um modo de diversão e apreciação sem fins políticos, críticos e que possam ser discutidos em lugares fora de seu próprio âmbito natural, o fazer político na dança tem a intenção de levar o que já existem, projetos que tem responsabilidades para além de fins que são dados, discussões que mostram a arte como forma de ciências e que se molda além de um padrão existente e excludente com o campo das artes.

A dança vem como uma forma de ressignificar a maneira com que uma ideia foi posta e levada como verdade única, de que a arte é coisa de desocupado, ou de pessoas que não tem capacidade de transformar a arte em discurso acadêmico e acessível a outras pessoas, por isso, durante as cenas trânsito ora na imagem do detento, ora da mãe, ora na do pai, mas todas convertidas em mim, e por meio de mim. Alterno entre, dança,

fala, encenação. Converto a esperança de uma mãe que visita constantemente e um pai que deseja reencontrar-se com o filho, que não dialogava mais. Trata-se do renascer do sentimento, do despertar de uma esperança.

A música me remete a uma realidade palpável depois que passei a conviver com o contexto carcerário, a música é sobre realidade, cada fala que é citada automaticamente ativa as memórias corporais de repressão, de alegria, de insegurança e tristeza, movida por esses sentimentos converto essas sensações em movimentos, alguns bruscos outros leves, e outros completamente estáticos, o que remete a maior parte do que senti frente à indiferença por parte de agentes, mas sempre que a, musica toca de maneira involuntária as palavras fazem com que tu sintas ou reviva aquele exato momento, que em um processo criativo age como agente indutor da poética.

O homem vive a remodelar de significações a vida, a fazer emergir sentidos no mundo em um processo de criação e reordenação continuadas de símbolos intercorrentes da com a cultura. Vai redimensionando sua relação com a realidade num livre jogo com as situações e tensões culturais em que esta situado. O homem cria, renova, interfere , transforma , reformula, sumariza ou alarga sua compreensões das coisas, suas ideias, por meio do que vai dando sentido a sua existência. (LOUREIRO, 2007, p. 11)

Uso o conceito da conversão semiótica para compreender como experiência cotidianas, que geralmente são carregadas de inúmeras sensações por conta desses encontros com outros corpos, podem se converter em experiências dançantes. Nomeio este processo em minha pesquisa-criação como reblocagem, pois me aproximo da ideia de reblocagem, que na experiência cotidiana do cárcere significa o deslocamento de um ou mais detentos de um bloco para outro, isso acontece em casos de tentativas de fugas, desentendimento entre os apenados ,suspeita de organização de motim e doenças, em casos de doenças os mesmos ficam neste bloco até a recuperação , podendo permanecer por meses.

E nesta minha experiência de reblocar, o estímulo musical não poderia diferir, pois ao escutá-la, está me leva para outro ambiente, ainda que mentalmente. Inclusive, por conta deste estímulo, no começo da cena eu me sinto como uma reclusa, não somente de liberdade espacial, mas emocional. Relato isto, pois este fator musical também ajuda a realizar esta conversão.

A música utilizada na cena, *A vida é desafio* dos Racionais MC's(2002), inicia com um abrir de grades, com um desabafo, em seguida diz: “È necessário sempre acreditar que o sonho é possível, que o céu é o limite e você truta é imbatível, o tempo ruim vai passar, é só uma fase, o sofrimento alimenta mais a sua coragem, a sua família precisa de você, lado a lado se ganhar pra te apoiar se perder”.

Aproveitando o estímulo deste trecho, eu começo a mostrar por meio de movimentos alternados em dança como se deu os momentos iniciais da prisão para meu irmão: o desespero, as especulações, e as cenas que a mídia não mostrou marcadas por movimentos de contrações, e o desespero de ver sua família assistindo tudo de perto. O desespero de não acreditar que foi detido, de não está passando por isso. Haja vista que a composição coreográfica de *Grades na pele* trata das visões de toda minha família, atravessadas em meu corpo, também busco a alternância de atitudes, ora baseadas em minha mãe, ora em pai, ora em meu irmão e, claro, em mim.

Em determinado momento, invisto na conversão semiótica da “*fase de integração*”⁴ não somente para o Luís, mas para toda a minha família, afinal nós tínhamos a mesma primariedade no que diz respeito ao cárcere.

E sendo assim, entre quedas, recuperações, saltos, movimentos aleatórios, desequilíbrios e exploração de níveis baixo, médio e alto, movimentos ora fortes, fracos, eu não me atendo ao belo, mas penso na realidade, sem filtro e sem máscaras., pois esta experiência coreográfica, “não se trata de atualização de materiais, nem da criação de novos objetos-fetice. É um comportamento, um modo de encarar as coisas, as pessoas, as relações. É uma atitude diante do mundo. É o precário como norma, a luta como processo de vida. (ROCHA, 2012, p. 33)

Reflexão que se encaixa ao refrão da música utilizada, que trata sobre o modo de encarar a vida, ela trás a seguinte reflexão: “É isso ai você não pode parar, esperar o tempo ruim vir te abraçar, acreditar que sonhar sempre é precioso, è o que mantem os irmãos vivos” (RACIONAIS MC's, 2002, on-line)

⁴ Momento que sai da triagem e é inserido a uma cela, onde a uma quantidade bem maior de reclusos, momento de visitaçao e onde temos nossos primeiros “ensinamentos”, maneira de se adaptar a cela, ao local, os primeiros choques de realidade, a dificuldade da primariedade neste local, para ambas as partes.

Esta experimentação me fez lembrar tudo o que vivemos e sentimos nesses meses, e por isso escolhi, em um determinado momento da coreografia, que iria pausar em frente aos espectadores/plateia, para que eles vissem não somente as marcas que um cárcere causa um detento, mas também em uma pessoa ligada a ele. Transbordando tais percepções um corpo que sente, que passa calor, que tem a respiração ofegante, cansada, uma expressão acabada, encarando a cada um, com um olhar reflexivo, com uma fala que pergunta com o corpo:

Você vai encarar os seus problemas, ou vai deixá-los te dominarem?

O que me remete ao que Rosangela Colares, artista, professora e pesquisadora que selecionou no curso de Licenciatura em Dança enquanto fui aluna, e sempre me dizia: tu vais conseguir ou tu vais ficar só sofrendo?

Cada seguimento da música, fazem as falas que ouvi de meus amigos durante o trajeto deste processo vir à tona, como a do Juanielson Silva e a Caroline castelo, professores substitutos do curso de Licenciatura em Dança da UFPA que foram orientadores desta pesquisa e afirmavam

“A tua família precisa de ti, tu precisas ser a base agora,

não desiste...

Pensar em ser a base para a família, principalmente em um momento tão delicado, pois tu és
muito forte.”

A própria letra da música tem essa abordagem em questão, pois ela afirma que existem:

“Várias famílias, vários barracos, uma mina grávida e o mano tá lá, trancafiado, ele sonha na direta com a liberdade, ele sonha em um dia voltar pra rua longe da maldade, na cidade grande é assim você espera tempo bom e o que vem é só tempo ruim, no esporte no boxe ou no futebol alguém, sonhando com o seu ligar ao sol, porém, fazer o que se o maluco não estudou, 500 anos de Brasil e o Brasil aqui nada mudou” (RACIONAIS MC’s, 2002, on-line).

É bem nítido que as alterações feitas durante a história do Brasil e do contexto cárcere são quase inexistentes, a maior parte das famílias de detentos não tem nem condição de chegar ao local em que o detento está confinado, nem todas as famílias tem uma estrutura para se manter do lado de fora, o auxílio reclusão demora meses e as vezes nem é autorizado, alguns possuem filhos pequenos que dependiam diretamente do confinado, existem presos que excedem suas penas por serem esquecidos não só por suas famílias mais pela justiça, e quando possuem alguma oportunidade de saída não retornam ao local por saberem que poderão em alguns casos passar anos sem receber a soltura, por isso, em meu processo trago à tona questões como o acolhimento e o abandono familiar, a negligência de um sistema decadente e precário no que diz respeito a questões prisionais e o desejo de liberdade e transformação social.

De tal forma que, meu corpo dançante, se torna hoje, um retrato de inúmeras influências, sejam elas culturais, sociais, físicas ou emocionais relacionados ao cárcere. A intérprete-criadora não é mais um mero “corpo-objeto” em cena, e sim um sujeito, com história e valores próprios, com um imaginário e emoções peculiares. Um corpo que passa a explorar a história e o imaginário e as vivências pessoais da artista criadora transformando esse material em arte, mais especificamente em dança. “O Corpo, ele todo, uma cicatriz. Por isso, a mancha da queimadura, já quase desaparece. Fica a mutação subjetiva correspondente. Fica a dor”(ROCHA,2014, p.38)

Esse pensamento conversa com Katz e Greiner (2012) e Lepecki (2012) que abordam as questões de utilização do cotidiano, do mundo e de questões que estão presentes no indivíduo uma forma de não ir primeiramente buscar o que ainda não se tem, mas de repensar e obter formas diferentes de desconstruir o que este inserido no seu contexto, usando isto como uma forma de solucionar ou protestar diante de determinadas situações.

Tais apontamentos mostram que o processo criativo em dança abrange mais do que uma montagem coreográfica para uma data comemorativa, como muitos a veem, trata-se de perceber que a dança funciona como formadora de pensamento crítico, possibilitando ao indivíduo o desenvolvimento de uma consciência não somente de si mais do outro. Haja vista que:

Esta compreensão da arte, contudo, não é atingida porque, de acordo com arte-educadores, apesar de o acesso a ela ser garantido pela legislação, à compreensão de sua essência e trocada pelo entendimento de sua superfície: produção artística escolar resumida à decoração de festas, a apresentação de coreografias desconectadas com o processo de aprendizagem discente, falta de qualificação dos profissionais envolvidos em seu ensino, entre outros exemplos e fatores constituintes (e contribuintes) desta lacuna. (BRAZIL e MARQUES, 2014, p. 345)

Compreensões essas precipitadas por um sistema que dita de que forma e o que deve ser feita em relação ao aprendizado das artes e é repassada ano após ano como verdade imutável, por isso Katz e Greiner(2012, p. 11) diz:

Só é possível falar a todos se houver um mesmo entendimento de natureza humana ligando os membros dessa plateia que se tornou uma reunião de sujeitos diversos. Embora distintos uns dos outros, ligam-se por uma natureza comum. O problema começa a surgir quando se diz que são os sentimentos que nos humanizam porque nos distinguem de todos os outros seres vivos. Em sendo assim, o que mais enobreceria a dança senão a tarefa de expressar a verdade desses sentimentos (que estão no ‘quarto escuro’ do corpo), diferenciando-se dos movimentos mecânicos que tantas outras espécies de seres são capazes de realizar? (KATZ e GREINER, 2012, p11)

Estamos acostumados a usar movimentações que estão ao nosso alcance, pelo fato de ser menos trabalhoso ou por esta registrada de maneira automática no cérebro, movimentos disponíveis, todavia, Katz e Greiner (2012) propõem que por meio da dança esses sentimentos que estão guardados em algum lugar do corpo ou da memória sejam expostos, trazidos à tona, ou seja, repensados de maneira que podem desmecanizar o movimento.

Contudo a dificuldade de expor sentimentos ou repensa-los se dá não somente por nossa educação escolar ou de vida/arte/dança usualmente não nos incentivar a “sair do escuro”, mas, talvez, também pelo conceito do belo que a sociedade impôs e que muitos ainda se baseiam. O que gera o medo de expor a maneira que sentimos, e de pôr no claro nossos sentimentos.

Além disso, acredito-me, o contexto urbano te força a assumir para si que os sentimentos não precisam ser expostos, pois isso passa a imagem de incomodo e descontrolo. Ou seja, o urbano te diz o que e como fazer, o que nos leva a ver certos clichês como verdade absoluta, no qual na verdade nada mais é do que uma forma de obedecer a padrões sociais para manter a imagem de ordem. Isto conversa, com os pensamentos de Lepecki (2012) que mostra em seu discurso sobre *coreopolítica* à forma que o espaço urbano se organiza para manter ou mascarar a essa ordem.

Desta forma, percebe-se que a dança pode abranger muito mais que um conjunto de movimentações soltas, principalmente quando parte de um corpo em uma situação sociopolítica tão delicada, propondo-se a uma saída do comum, do “pronto e acabado”, incentivando-se a desconstruir padrões que tendem a limita-lo, gerando um leque de possibilidades do que ainda não está feito, ou seja, do que estar por vir.

O que me leva a deduzir que, a capacidade da dança de teorizar o contexto social onde a mesma emerge, de interpelá-lo e de revelar as linhas de força que distribuem as possibilidades (energéticas e políticas) de mobilização, de participação, de ativação, bem como de passividade, traria para arte uma particular força crítica, que, para além daqueles traços vazios do movimento, partilha com a política: a efemeridade, a precariedade, a identificação entre produto do trabalho e ação em si, a redistribuição de hábitos e gestos, o aumento de potências, isto é, “uma dança que atua criticamente no mundo propondo modos de ativação que abram novos campos de possível em relação às forças repressivas vigentes. Uma dança que propõe novos modos de habitar, ativando lugares e acionando temporalidades, produtoras de heterogeneidade” (LEPECKI, 2012, p 45)

Sendo assim, buscar rachar esse solo, isto é, a forma com que a sociedade encara as pessoas e seus familiares em situação de cárcere, manifesta uma resignificação diante de situações vividas, enxergando com outros olhos e permitindo ser atravessado por novas sensações que nos oferecem outras maneiras possíveis de continuar.

1º PORTÃO: CANTOU A LIBERDADE (CONSIDERAÇÕES INACABADAS)

A ideia que o sistema prega é que se quando cumpri a pena total a liberdade prevalece aos confinados, mas a verdade é que a vida nunca mais será a mesma nem para a família muito menos para o apenado, a ficha criminal permanecerá no sistema judiciário, as vagas de emprego serão limitadas, as abordagens de rotina pela polícia e blitz checaram o nome, o CPF e contataram que aquela pessoa tem um registro no sistema , e automaticamente ela passara muito mais tempo sendo “entrevistadas”, o sobrenome muda para “aquele lá que estava preso” e “ aquela pessoa parente do que foi preso(a)”, as pessoas taxam as outras, não conhecem a realidade e poucas se importam em conhecer.

A família vive um constante medo de acontecer algo por esses motivos citados a cima, qualquer ato infracional que acontecer na rua cogitaram logo a possibilidade de ter sido o ex-detento. O peso de ser ex-detento sempre estará presente ali, não somente pela ficha, mas por seus traumas e tudo que lhes foi tirado e posto em questão neste trabalho.

Além disso, diferente da situação de meu irmão, nem todo detento tem uma família, alguém que possa acompanhar seu processo, incentivar a conseguir um emprego e a nutrir o desejo de mudança, muitos não conseguem alternativas e acabam se tornando reincidentes. Ou seja, a situação de encarcerado continua, mas de outra forma. Desta forma, é preciso continuar estimulando os processos, a busca por uma ressignificação em cada possibilidade que a arte e as circunstâncias vividas proporcionam frente a cada ocasião.

Quando se fala em “inacabado”, logo atribuímos a algo mal feito ou algo esquecido, no entanto no meu processo significa a busca por sempre fugir de um padrão que te impõem o que deve e como tem que ser feito. “Inacabar” significar continuar, buscar, olhar , repensar abrir novas possibilidades para si e para o outro, principalmente porque se ver melhor quando se olha mais de perto e mais uma vez.

Por isso, todas as quintas feiras envio uma carta a ele, contando sobre como estão às coisas aqui fora. São mensagens de apoio e esperança. Com isso espero que ele se sinta tocado e tenha o desejo de mudança. Não somente pelas palavras, mas pelo fato do remetente da carta se tratar de

um familiar, pois como havia falado antes, meu irmão não tinha mais um convívio afetuoso com todos da família, somente com minha irmã, e minha mãe. Porém, após passar esses dias encarcerados ele demonstrou um comportamento no qual não víamos há muitos anos.

Percebi isso, por exemplo, pelo fato dele escrever carta para mim e meu pai, dizendo para que não nos sentíssemos culpados pelo ocorrido, e que eu esquecesse nossas desavenças do passado, pois ele queria apenas recomeçar e recuperar o tempo que ele havia deixado para trás.

Certamente a saudade tem sido o meu maior indutor criativo, pois ela tem mostrado que não importa o quanto alguém possa parecer diferente, a família é construída como um quebra-cabeça com peças diferentes que se encaixam perfeitamente juntos, e caso uma peça esteja fora, o desenho não ficará completo.

Durante esse período, venho acompanhando e compartilhando dos mesmos sentimentos de quem ali estava o sofrimento a revolta, alegria de receber notícias, informações sobre seus familiares, amigos, entre outros. Pois há muitas histórias contadas e vividas no portão de uma cadeia, que se assemelham, e talvez por este motivo cria-se vínculos de amizade dentro e fora das celas. De frente a tudo isso, essa rotina, conversas e experiências decidiram começar meu processo criativo poético por meio desses fatos, levar o sentimento que esse contexto carcerário trás, por meio de uma dança, uma criação.

Não me atreveria a medir qual sofrimento, se é maior o de quem se encontra do lado de fora ou de dentro de um cárcere, porém afirmo que ambos se encontram em condições extremas. Quem está trancafiado tem que conviver com as condições impostas não só pela lei do sistema, mas também pela “lei” de dentro da cela, uma vez que está dita a forma que cada um deve agir, em um tipo de manutenção da convivência, agenciando a vida e a morte dentro dos presídios.

Do lado de fora, familiares ficam na correria, e no sofrimento, uma corrida contra o tempo para que sejam pagas despesas com advogados, na esperança de que se obtenham bons resultados e a liberdade, gastos com a alimentação, higiene, locomoção, atestados de convivência para quem é casada, requisições caso o detento tivesse carteira assinada entre outros custos, dentro outras inúmeras questões.

Na maioria das vezes, esses presos vêm de família de baixa renda, das periferias da cidade. O que se ganhava para custear a alimentação e as contas da casa agora serve para pagar os custos do detento, o que gera um desespero, pois as contas aumentam e nem todo mundo conta com o apoio de parentes, ou com salários garantidos, o que causa um psicológico desestruturado dia após dia. Além da falta de comunicação, a saudade, a espera, a demora por notícias, o desespero a cada informativo do jornal sobre rumor de tentativa de fuga, motim, o anúncio de greves, doenças, surtos e outras possíveis calamidades.

Além das revistas antes de entrar na sala de visitas, ter que se despir frente a outras mulheres, agachar frente a um espelho no chão, esforçar-se para constar que não possui drogas, celular ou qualquer objeto introduzido na região íntima feminina, ações que minha irmã teve que presenciar e por vezes relatava cansaço em ter que passar por isso todas as visitas. E ainda, ter que lidar com funcionários que na maior parte das vezes te viram as costas e batem os portões no rosto como resposta.

A cadeia é bem diferente no que diz respeito ao que está escrita no papel em forma de lei, e por isso, acredito que, o cárcere não muda as pessoas, talvez o que muda seja o que ele tira delas, não somente do detento, mas da família que o aguarda: o status de humanidade.

Deixo aqui então minhas conclusões inacabadas sobre meu processo, ressaltando a importância de meu percurso acadêmico que me possibilitou entender que a arte tem voz e não se restringe apenas a um lugar ou método, permite que criemos uma metodologia própria que poderá auxiliar e ajudar novos escritos, ela se estende para além de sua origem, dando espaço a quem não tem voz e me permitindo usar minhas questões não apenas emocionais mais sociais através de minha escrita e meu processo poético artístico, a satisfação de ter meu objetivo de levar questões pouco abordadas, a paz de poder cuidar de si através de minha dança. Por isso, afirmo que estas conclusões inacabadas servem de possíveis encaminhamentos a outros projetos futuros, pois assim como a situação real de encarceramento não acaba quando se cruza o terceiro portão rumo a liberdade, o processo poético segue em buscas de novas indagações que ainda estão por vim.

REFERÊNCIAS:

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel ramalhete. 40. Ed. Petropolis, RJ: vozes, 2012.

FERREIRA e SANTOS, Mayrla Andrade; e Linderbeg Moreira. **Habitante criador**. Fonte Editorial, São Paulo, 2016.

MALLART e GODOI, Fabio e Rafael. **BR11: A rota das prisões brasileiras**. São Paulo: Veneta, 2017.

SILVA, Juanielson Alves. **Farinha Poética: A coreocartografia familiar de um rito Artístico**. 2019. 318 f. Orientadora (a): Prof. Dr. Ana. Flavia Mendes. Dissertação (Mestrado) - Programa de pós-graduação em Artes, instituto de Ciências das Artes, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

DELEUZE e GUATTARI, Gilles; e Félix. **Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia**, Vol.1. Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 1995.

LEPECKI, André. Coreo-politica e coreo-policia. **Ilha Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 13, n. 1,2, p.41-60, jan. 2013.

GREINER e KATZ. Christine; e Helena. **Visualidade e imunização: o inframince do ver/ouvir dança**. In: Anais do II Congresso Nacional de Pesquisadores em Dança-ANDA. Comitê Dança e(m) política, jul, 2012.

BRAZIL e MARQUES, Fábio; e Isabel. **Arte em questões**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2014.

ROCHA, Tereza. **Palestra-corpo: dança conceitual**. Trama Interdisciplinar, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 26-40, maio 2014.

NETO, José. **Importância da família no processo de ressocialização do encarcerado diante das condições do sistema penitenciário no estado do Ceará**. Monografia (Pós-Graduação em Educação de Jovens e Adultos para Professores do Sistema Prisional) Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2012.

SITES E OUTRAS PLATAFORMAS:

BRASIL, **lei nº 7.209, de 11 de julho de 1984**. Altera dispositivos do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, e dá outras providências. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/1980-1988/L7209.htm#art33 visto em 17/01/2020.

CAVALCANTE, Karla Karênina Andrade Carlos. **Evolução histórica do direito penal**. Portal Âmbito Jurídico, 2007. Disponível em <https://ambitojuridico.com.br/cadernos/direito-penal/evolucao-historica-do-direito-penal/> acessado em 27 de Março de 2020.

ALVES, Dina. O Cárcere é a maior expressão do racismo. Revista Continente, Disponível em: <https://carceraria.org.br/combate-e-prevencao-a-tortura/dina-alves-o-carcere-e-a-maior-expressao-do-racismo> acessado em 23 de fevereiro de 2021.

MOURA, Jennifer. Grades da Pele (vídeo versão defesa). Canal Jennifer Moura. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=iyZBrXeZOOE&feature=youtu.be> acessado em 23 de fevereiro de 2021.